E depois de pendurar as chuteiras? Percursos Profissionais e Académicos Pós Carreira em Jogadores de Futebol Profissional Portugueses

Por

Rui Miguel Martins Lima da Costa

Dissertação de Mestrado em Economia e Gestão de Recursos Humanos

Orientador(a):

Professora Doutora Luísa Helena Ferreira Pinto

Setembro de 2017

Nota Biográfica

Rui Miguel Martins Lima da Costa, nascido a 19 de Fevereiro de 1992 em Viana do Castelo, licenciado em Gestão pela "mui nobre" Faculdade de Economia do Porto e com o objetivo de ser mestre em Economia e Gestão de Recursos Humanos pela mesma instituição de ensino.

Assumiu em 2015, quando terminou a sua licenciatura, funções de consultor funcional de aplicações informáticas, cargo que ainda ocupa.

Apaixonado pelo futebol, decidiu ligar esse gosto à sua área de estudos, culminando nesta dissertação.

Na Universidade, como em tudo na vida, só o Esforço, a Dedicação e a Devoção permitem alcançar a tão desejada Glória.

Agradecimentos

Aproveito para agradecer o apoio e o carinho que me foi dado, das mais diversas formas por todos aqueles que se preocupam comigo.

Em primeiro lugar, agradecer o apoio, a dedicação e a força dada pela Professora Doutora Luísa Helena Ferreira Pinto, que apesar do ano extremamente difícil que enfrentou, nunca desistiu dos seus orientandos.

De seguida, a todos os que contribuíram de forma ativa, com o seu testemunho, para que este estudo fosse possível, bem como ao senhor Ricardo José Vaz Alves Monteiro, conhecido no mundo do futebol por Tarantini, por me ter ajudado a alcançar este objetivo através dos contactos que me facultou.

À minha família em geral, aos meus pais e irmã em particular, por todo o apoio psicológico, financeiro e afetivo ao longo de todo este percurso. À Sílvia e ao meu avô, que, apesar de já não estarem entre nós, moldaram-me e fizeram de mim o homem que sou hoje.

Ao Magina pelas horas que tirou para jogar às cartas, ao Guima e ao Necas pela amizade incondicional, à Mafalda pela motivação.

Ao Diogo pela serenidade e pela calma que me consegue transmitir. Pelo amigo que é, pelas ajudas em termos de vocabulário, pelas tardes de calor na biblioteca.

À minha namorada! O meu suporte de todas as horas, por ser chata e não me deixar desistir, por ser a principal razão que me fez levar este projeto até ao fim. Sem ti nada disto era possível.

A todos o que de alguma forma me ajudaram: MUITO OBRIGADO.

Resumo

A preponderância de um bom planeamento de carreira e de todas as transições inerentes à atividade profissional do indivíduo, aumenta numa área como o futebol de alta competição. A volatilidade do mercado de transferências, a curta duração dos contratos assinados bem como de toda a carreira em geral, e a inexperiência noutras áreas, podem acarretar dificuldades acrescidas no momento do fim da carreira desportiva. Este estudo propõe-se a analisar o percurso de carreira dos jogadores de futebol de alta competição antes e depois do término da mesma, procurando identificar as principais dificuldades vividas por eles e as soluções encontradas. Com recurso a uma abordagem metodológica de tipo qualitativo e indutivo, foram analisados os percursos de sete antigos jogadores de futebol profissional portugueses, informação que foi obtida através de entrevistas individuais semiestruturadas. Os resultados deste estudo mostram que os atletas apresentam caminhos muito semelhantes em aspetos como o percurso académico durante a carreira futebolística ou o tipo de carreira seguida após darem por concluídas a sua atividade desportiva de alta competição. Adicionalmente os resultados revelam que as dificuldades vividas pela maioria dos jogadores quando terminam a carreira são quase sempre coincidentes, revelando também ter havido grande cuidado na preparação do aspeto financeiro durante os anos em que foram profissionais de futebol. Ainda assim, apesar da consciência que os antigos atletas demonstraram ter relativamente ao fim da carreira desportiva numa fase ainda precoce da sua vida, todos demonstram ter experimentado algumas dificuldades iniciais na adaptação à nova fase. No seu conjunto, este estudo exploratório apresenta contribuições teóricas e práticas para a gestão de carreiras numa área profissional pouco pesquisada.

Palavras Chave:

Carreiras desportivas, GRH, futebol, transição de carreira, ex-atletas profissionais, percursos profissionais

Abstract

The preponderance of good career planning and all the transitions inherent in the professional activity of the individual, becomes more important in an area such as high competition football. The volatility of the transfer market, the short duration of the contracts signed as well as the whole career in general, and the lack of experience in other areas, can lead to increased difficulties when the sports career ends. What we propose in this study is to analyse the career path of the athletes before and after it ends, trying to ascertain the main traits of the former athletes and identify the main difficulties experienced by them. Using a qualitative methodological approach, we obtained the testimony of 7 former Portuguese professional football players through an individual semi-structured interview. The results of this study show us that athletes present very similar paths in aspects such as the academic course during the football career or the type of career followed after completing their sports activity High competition. In addition, the results reveal that the difficulties experienced by most players when they finish their career are almost always coincidental, and there was also great care in preparing the financial aspect during the years in which they were football professionals. Yet, despite the awareness that everyone has shown about the end of their sports career at an early stage of their lives, they all have experienced some initial difficulties in adapting to the new phase. In the Aftermath, this study shows some contributions theoretical and practical to career management in an unexplored area.

Keywords:

Sports career, HRM, football, career transitions, former professional athletes, professional paths

Índice

1. Introdução 1

2. Revisão de literatura 3

2.1. A origem e a evolução do futebol mundial e Português 3

2.1.1 A lei de Bosman 4

2.1.2 O futebol em Portugal 6

2.2. Gestão de carreiras 7

2.2.1 Conceito de carreira 7

2.2.2 As carreiras desportivas 9

2.3. Processos de transição de carreira no desporto 11

2.4. Objetivos e questões de investigação 16

3. Metodologia 18

3.1. Abordagem metodológica 18

3.2. Procedimentos de recolha de dados 19

3.3. Os participantes 20

3.4. Procedimentos de análise de dados 21

4. Resultados 23

4.1. Início de carreira 23

4.1.1 Motivos para iniciar a carreira 23

4.1.2 Suporte Familiar 25

4.2. Durante a carreira 26

4.2.1 Experiência internacional 26

4.2.2 Planeamento do fim 29

4.3. Percurso académico 30

4.3.1 Durante a carreira 31

4.3.2 Antes do término da carreira 31

4.3.3 Depois do término da carreira 32
4.4. Fim da carreira 33
4.4.1 Motivos para terminar a carreira 33
4.4.2 Dificuldades vivenciadas 34
4.4.3 Apoio 36
4.4.4 Atividade atual 37
4.4.5 Relações sociais 38
5. Discussão dos resultados, limitações e contribuições 40
5.1. Fatores para optar por uma carreira futebolística 40
5.2. Percursos futebolísticos e académicos 41
5.3. Processo de retirada do futebol profissional 42
5.4. Limitações deste estudo 44
5.5. Contribuições teóricas e práticas 45
6. Conclusão 48
Bibliografia 50

Índice de tabelas

Tabela 1 - Dados demográficos da amostra 21
Tabela 2 - Categorias e subcategorias 22
Tabela 3 - Motivos para iniciar a carreira futebolística 23
Tabela 4 - Suporte familiar 25
Tabela 5 - Nº de experiências internacionais 27
Tabela 6 - Experiência Internacional 28
Tabela 7 - Planeamento do fim 29
Tabela 8 - Evolução do percurso académico 31
Tabela 9 - Depois do término 32
Tabela 10 - Motivos para terminar a carreira futebolística 33
Tabela 11 - Dificuldades vivenciadas 35
Tabela 12 - Fontes de Apoio 36
Tabela 13 - Atividade atual 37

1. Introdução

A preocupação com o tema da gestão de carreiras desportivas de atletas de alta competição é relativamente recente. Apenas nas últimas décadas o tema da gestão de carreiras se tornou primordial, não só no prisma organizacional, mas também no prisma pessoal. Ainda assim, a temática das transições dentro da carreira desportiva tem vindo a ser estudada de forma aprofundada, a nível internacional, com principal ênfase no fim da carreira e na passagem para a pós-carreira desportiva (Wylleman *et al.*, 1999)

Com o crescimento da importância do desporto no panorama sociocultural na Europa, cresceu também o número de estudos empíricos realizados acerca das diversas transições que os atletas experienciam.

Em Portugal esta temática continua pouco explorada. Por esse motivo, é relevante a realização de um estudo exploratório que aborde as sucessivas etapas vivenciadas pelos atletas desde o início da sua carreira desportiva até ao seu término. A ausência de investigação anterior, no domínio da gestão em geral e, da gestão de recursos humanos em particular, sobretudo a nível nacional, poder-se-á justificar pela dificuldade em obter uma amostra significativa para evidenciar conclusões de relevo. Na realização deste estudo, deparamo-nos com essa mesma dificuldade apesar de termos encetado todos os esforços para ampliar a amostra utilizada. Não obstante o auxílio obtido por parte de pessoas ligadas ao mundo do futebol profissional português, o contacto com antigos atletas mostrou-se restrito e de difícil acesso.

Apesar das dificuldades levantadas pelo círculo fechado que é o futebol profissional português, foi possível recolher informação de natureza qualitativa relevante para caraterizar tendências e propor sugestões não só para melhorar o processo de transição da carreira desportiva como para efetuar investigação futura. De notar, igualmente, que este estudo se revela apenas como um primeiro trabalho qualitativo que se espera sirva de estímulo para futuras abordagens de maior dimensão, abrindo as portas para uma análise mais aprofundada destas e de outras temáticas relacionadas com a gestão de carreiras desportivas.

No capítulo II deste trabalho é feito um enquadramento socioeconómico do futebol moderno, com referência à literatura considerada relevante sobre a evolução da

modalidade a nível mundial, a lei Bosman e o seu impacto no futebol internacional e no futebol Português. Ainda neste capítulo é feita uma revisão literária acerca da gestão de carreiras: primeiramente num sentido mais lato, abordando as diversas teorias existentes, e de seguida, num sentido mais restrito, abordando este tema com foco na gestão das carreiras desportivas. No capítulo III justifica-se a opção pelos procedimentos metodológicos adotados, e referem-se os elementos utilizados no decurso do estudo empírico realizado. No capítulo IV apresentam-se os resultados de forma categorizada conectando-os com as questões de investigação anteriormente definidas. No capítulo V analisam-se e interpretam-se os resultados obtidos, incluindo as limitações do estudo e as implicações teóricas e práticas do mesmo, incluindo sugestões para auxiliar os atletas no processo transitório. Por fim, no capítulo VI destacam-se as principais conclusões deste trabalho.

2. Revisão de literatura

2.1. A origem e a evolução do futebol mundial e Português

O futebol é uma prática conhecida desde há vários séculos tendo sido posteriormente desenvolvida e dada a conhecer ao mundo pelos Ingleses em meados do Sec. XIX (Taylor, 2008).

Segundo a FIFA (2014), o futebol é um desporto coletivo, jogado entre duas equipas, compostas por 11 jogadores cada (um guarda-redes e dez jogadores de campo), cujo objetivo é introduzir a bola esférica no interior da baliza do adversário o maior número de vezes possível, sendo dirigido por uma terceira equipa composta, geralmente, por três elementos, que constituem a equipa de arbitragem.

O primeiro passo para o início da profissionalização desta modalidade surgiu com a criação da FA (Football Association) a 26 de Outubro de 1863, com o intuito de estabelecer um conjunto de regras aceite por todos, mas apesar desta iniciativa as regras continuavam a ser diferentes em várias partes do mundo. Neste contexto surge, em 1886, na sequência de uma reunião entre os representantes das federações nacionais da Inglaterra, Escócia, Pais de Gales e Irlanda, o International Football Association Board, uma instituição inteiramente dedicada ao futebol e às leis do jogo, com o intuito de uniformizar, preservar, controlar, estudar e melhorar as leis do jogo (IFAB, 2016). Mais tarde, em Maio de 1904, com representações da Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça, tendo em consideração a necessidade da criação de uma instituição que pudesse administrar o futebol a nível global, fundou-se a Fédération Internationale de Football Association (Tomlinson, 2014).

Após a definição das regras e das estruturas que suportam o futebol como uma das modalidades mais apreciadas em todo o mundo, surgiram os primeiros eventos com repercussões mundiais. Segundo Ikwunze (2011), durante os jogos olímpicos de 1908, realizados na Grã-Bretanha, o futebol foi apresentado ao mundo, pela primeira vez, como uma competição oficial, embora nas duas anteriores edições já tivessem sido disputadas algumas partidas amigáveis.

No seguimento do enorme sucesso das edições anteriores dos jogos olímpicos, a FIFA intensificou os seus esforços no sentido de criar um torneio a nível mundial entre as

diversas seleções. Glanville (2010) refere que o Uruguai foi escolhido como anfitrião desta competição, não só pelas medalhas de ouro conquistadas nos jogos olímpicos de 1924 e 1928, mas também porque celebrava o 100º aniversário da sua independência em 1930.

Apesar de todas as dificuldades impostas ao crescimento e evolução da modalidade criadas pelas duas Grandes Guerras Mundiais, o seu mediatismo não parou de crescer, e foi neste período que surgiu no futebol o conceito de compra e venda de passes dos atletas (Witter, 1996). Nos anos seguintes foram criadas diversas confederações, com o intuito de criar melhores condições de apoio às organizações até então existentes, atualmente responsáveis pela organização das competições na sua área de atividade: a UEFA (União das Federações Europeias de Futebol, fundada em 1954), a AFC (Confederação Asiática de Futebol), e a CONCACAF (Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe, fundada em 1961).

Tal como referem Oprean e Oprisor (2014), desde o século passado que o futebol evoluiu de uma atividade praticada por mero entretenimento e prazer, para algo que se pode caracterizar como uma indústria desportiva que tem como fim a obtenção do lucro.

2.1.1 *A lei de Bosman*

Sendo a livre circulação de pessoas reconhecida como um dos elementos principais do mercado interno, a consagração legal desta realidade na União Europeia surge expressamente assumida pela primeira vez, no Tratado de Maastricht como uma questão do interesse comum dos Estados membros. Também no Tratado Fundamental da União Europeia, se atendermos aos pontos 1 e 2 do artigo 45, verificamos que (1) "A livre circulação dos trabalhadores deve ficar assegurada na União" e (2) "A livre circulação dos trabalhadores implica a abolição de toda e qualquer discriminação em razão da nacionalidade, entre os trabalhadores dos Estados Membros, no que diz respeito ao emprego, à remuneração e demais condições de trabalho" (Jornal Oficial da União Europeia, 2016). Para além do elemento acima mencionado, o princípio da liberdade de associação consagrado no artigo 11 da Convenção Europeia para a Proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais, é protegido na ordem jurídica comunitária (Quadros, 2013).

Contudo, no futebol, até 1995, estes princípios não estavam totalmente previstos. Até esta data, os jogadores não eram livres de escolher o seu percurso profissional na totalidade e cada clube poderia apenas ter nos seus planteis três jogadores estrangeiros (Giglio, 2013).

Tal como é referido na cláusula 25 da fundamentação jurídica do Acórdão Bosman (1995), a partir dos anos sessenta, várias associações nacionais de futebol adotaram regras que passaram a limitar a possibilidade de adquirir passes de jogadores de nacionalidade estrangeira. Uma vez que, segundo a Comissão Europeia (2008, p.27), "a discriminação por motivos de nacionalidade é proibida pelos Tratados que consagram o direito de todos os cidadãos da União a circular e a residir livremente no território dos Estados Membros", os regulamentos aplicados ao desporto eram incompatíveis com a legislação vigente num espaço europeu comum.

A 15 de Dezembro de 1995, o Tribunal Europeu de Justiça decidiu a favor do aumento da circulação dentro do espaço europeu, naquele que é, ainda hoje, conhecido por "Acórdão Bosman". Esta problemática foi levantada por Jean-Marc Bosman, antigo jogador Belga que entrou em litígio com o seu clube: RFC Liége. Corria a época desportiva de 1989/1990, e o contrato de Jean-Marc terminava a 30 de Junho de 1990. O RFC Liége fez uma proposta de renovação de contrato, prontamente refutada pelo jogador, devido às condições salariais propostas, já que o clube pretendia reduzir-lhe o vencimento em 75%. Na mesma altura, o jogador recebeu uma proposta de um clube da segunda liga francesa: USL Dunkerke, mas os clubes não conseguiram chegar a um entendimento. Assim sendo, o jogador decidiu contactar o seu clube através de um advogado, mas este não respondeu dentro do prazo legal. Tentou posteriormente contactar a federação belga, e não obteve qualquer resposta. Segundo Bosman (2015), foi por tudo isto que decidiu avançar com o processo para tribunal, que culminou com a sua vitória cinco anos depois.

Para Coelho (2004), esta lei levou a que o valor dos jogadores crescesse substancialmente e o montante pago pelos direitos económicos e desportivos atingisse valores muito elevados. O que se conquistou com este processo foi a possibilidade de os jogadores terem a liberdade de definir o seu futuro, sem dependerem a 100% da vontade do seu clube atual.

Assim sendo, a Lei de Bosman permite que: (a) a 6 meses do final do seu vínculo contratual, o jogador possa escolher a instituição desportiva que deseja representar a partir do fim do seu contrato atual, sem que exista a necessidade de ressarcir a entidade patronal; (b) esta situação se aplique a trocas intracomunitárias, isto é, entre clubes pertencentes à Comunidade Europeia.

2.1.2 *O futebol em Portugal*

Para vários historiadores (e.g. Serrado *et al.*, 2015), o primeiro jogo de futebol em solo lusitano terá sido disputado em 1875, na ilha da Madeira, na freguesia da Camacha, local onde ainda existe um monumento identificativo desse marco histórico. Contudo, os mesmos autores referem que é apenas em 1893 que surge o primeiro clube português, o Futebol Clube do Porto, seguido pelo Sport Lisboa em 1904, (dando origem ao Sport Lisboa e Benfica em 1908 através da fusão entre o Sport Lisboa e o Grupo Sport Benfica) e o Sporting Clube de Portugal em 1906 (Serrado *et al.*, 2015).

O crescimento da modalidade em Portugal ocorreu de forma progressiva. Se por um lado, logo após o período pós-guerra o desporto ocupou um espaço preponderante no quadro sociocultural global, por outro lado, em Portugal, apenas a partir da década de 50, impulsionado pelo impacto que as atividades culturais tinham nos regimes fascistas como aquele que se vivia em Portugal neste período, o futebol começou a evidenciar maior importância (Drumond, 2012).

Com o desenvolvimento crescente da modalidade, e com a grande visibilidade internacional adquirida por Portugal com a conquista de duas Taças dos Campeões Europeus por parte do Sport Lisboa e Benfica nas temporadas de 1960/1961 e 1961/1962, mas também com o 3º lugar conquistado no Campeonato do Mundo de 1966 em Inglaterra por parte da seleção nacional portuguesa, mas também com a integração de vários jogadores que provenientes das ex-colónias, aumenta também a necessidade de profissionalização do futebol, que, em Portugal, surge com algum atraso relativamente aos restantes países nos quais a modalidade também emergia (Serrado *et al.*, 2010).

Com a mudança política ocorrida em Abril de 1974, muitas foram as alterações introduzidas na sociedade portuguesa, surgindo no futebol várias instituições subdivididas por atividade profissional, como por exemplo o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (SJPF), a Associação Nacional dos Treinadores de Futebol

(ANTF), Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol (APAF), e a Liga Portuguesa de Clubes de Futebol Profissional (LPCFP) (Maçãs, 2006).

Para Constantino (2015), atualmente a estrutura desportiva portuguesa assemelha-se à das maiores potências desportivas mundiais, sendo composta por diversos órgãos diretivos e apresentando uma grande subdivisão de responsabilidades. A nível nacional, quem regula o futebol é a Federação Portuguesa de Futebol (FPF). A FPF tem os seus próprios regulamentos, mas está também sujeita às normas internacionais resultantes da integração na FIFA. Outra entidade com responsabilidades no futebol em Portugal é a Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP) que organiza e gere os campeonatos nacionais de futebol Profissional e procede também, de forma simultânea com o Conselho de Arbitragem, à nomeação dos árbitros para as divisões profissionais (LPFP, 2017).

2.2. Gestão de carreiras

2.2.1 *Conceito de carreira*

Ainda antes de abordar as diferentes formas de gerir o percurso profissional, torna-se relevante definir aquilo que se entende por carreira. A palavra "carreira", do latim "*carraria*" que, em português pode ser lido como "*caminho para carros*", assume diversas interpretações. Apenas a partir do século XIX, este termo passou a ser utilizado para definir a trajetória ou o curso da vida profissional (Martins, 2001). Ao longo dos anos, o conceito foi sofrendo diversas mutações, tendo inicialmente surgido devido à incapacidade permanente de as organizações conseguirem manter nos seus quadros recursos humanos dotados de características que permitissem que os mesmos assumissem cargos hierarquicamente superiores com elevado grau de desempenho (Teixeira, 2005).

Este conceito é considerado um dos mais difíceis de definir, na medida em que pode ser utilizado para caracterizar uma atividade permanente e remunerada como para definir uma situação transitória e sem qualquer tipo de remuneração (Bendassolli, 2009).

No contexto globalizado em que vivemos hoje a carreira poderá ser entendida como o padrão de experiências relacionadas com o trabalho que abrangem o percurso da vida de um indivíduo (Greenhaus, 1987), ou ainda, como um trajeto sequencial de comportamentos e atitudes, ligado às experiências e atividades que possuem ligação com o trabalho no decurso da vida de um indivíduo (Hall, 1996).

Por sua vez, Hoyt (1991, p. 23) define carreira como "*a totalidade do trabalho que uma pessoa faz durante toda a sua vida*". Nesta perspetiva, independentemente da mudança de organização ou mesmo de setor de atividade, não significa que o individuo transite entre carreiras, assumindo toda a vida profissional como um só percurso.

Passos (2000), por seu lado, resumiu a carreira em quatro perspetivas distintas:

1) A carreira como desenvolvimento profissional, numa ótica de crescimento hierárquico quer seja dentro da mesma organização, ou não;
2) A carreira como ocupação profissional na qual as mudanças dependem única e exclusivamente da capacidade de conquista de cada individuo;
3) A carreira como uma sequência de empregos e funções ao longo da vida na qual apenas o individuo importa e a organização é deixada em segundo plano;
4) A carreira como uma sequência de experiências profissionais ao longo da vida, dando enfâse às mudanças das espectativas e comportamentos do individuo ao longo do seu percurso.

A carreira pode ser também interpretada como a atividade de desenvolvimento profissional correspondente a uma sequência de crescimentos hierárquicos internos que decorrem ao longo do tempo, sempre no contexto laboral e organizacional, não sendo necessário que ocorra somente dentro de uma organização (Sousa *et al., 2006*).

Para caracterizar o percurso profissional de um individuo, encontramos na literatura, duas perspetivas distintas: o modelo tradicional que se caracteriza pela estabilidade, progressão continua e vertical no qual o trabalhador detinha uma maior estabilidade nas funções que desempenhava (Chanlat, 1995;Dutra, 1996), e o modelo da carreira moderna, cuja origem coincide com a revolução industrial e com um período de maior incerteza nos diversos setores de atividade caracterizando-se por uma progressão na carreira intercalada, horizontal e com maior instabilidade no posto de trabalho (Dutra, 1996).

Savioli (1991) faz um paralelismo entre as fases da carreira e as etapas que o ser humano experiencia durante a sua vida. Para este autor, tal como o Homem nasce, cresce, amadurece e morre, a carreira é também vista como um processo em constante transição, sendo composta por várias fases com necessidades diferentes.

De acordo com a visão mais tradicional, são as organizações, e não os indivíduos, que assumem um papel principal em todo o processo de gestão de carreira (Orpen, 1994). Uma organização define quem são os recursos humanos melhor qualificados para exercer

determinadas tarefas, bem como a melhor forma de os dotar de capacidades técnicas com o intuito de os tornar mais versáteis e capazes. Segundo esta perspetiva o individuo centraliza o seu foco na organização e o seu percurso profissional será maioritariamente feito sob as ordens do mesmo empregador.

Nos dias de hoje, o conceito de carreira não está forçosamente relacionado com a permanência numa só organização durante toda a vida profissional sendo o sucesso dos indivíduos mensurável pela sua capacidade de transferir competências de uma organização para outra (Kanter, 1989). Este aspeto deriva de um mundo em constante mudança de padrões, relações laborais, motivações e ambições inerentes ao ser humano.

2.2.2 *As carreiras desportivas*

Num contexto mais restrito, encontramos as carreiras desportivas. O desporto encerra em si mesmo uma dimensão muito própria devido às especificidades da relação de trabalho e das particularidades que a gestão de uma carreira desportiva de alta competição acarreta.

A carreira futebolística pode ser definida como uma prática voluntária e plurianual da atividade desportiva pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos desportivos (Alfermann e Stambulova, 2007). Para Martins e Brito (1999), a carreira desportiva interpreta-se como uma atividade desenvolvida por um indivíduo, numa estrutura desportiva altamente organizada, durante um longo período de tempo e através da qual se alcança o autodesenvolvimento, bem como sucesso desportivo.

Por outro lado, a carreira desportiva é constituída por uma sequência de etapas interligadas que no seu conjunto constituem o percurso desportivo de alto rendimento do atleta (Greendorfer,1992; Schlossberg, 1981; 1994;). Vários autores (e.g. Bloom, 1985; Côté, 1999; Wylleman e Lavallee, 2004), citados por Stambulova *et al*., (2009) abordam o tema da carreira desportiva e definem-na como uma sucessão de etapas que incluem a iniciação, o desenvolvimento/especialização, o aperfeiçoamento, a manutenção e por fim a descontinuação do desporto de alta competição. Todas estas fases formam um padrão comum às carreiras desportivas em diferentes países e até mesmo entre géneros. Por exemplo, Salmela (1994) identificou essas mesmas fases como: iniciação, desenvolvimento e término. Para cada uma destas fases não existe uma data fixa para o

seu início e fim, contudo, todos os atletas sabem que a sua carreira desportiva terminará ainda numa fase precoce da sua vida.

Segundo dados revelados pelo Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (2016), a carreira de um jogador de futebol profissional dura, em média, cerca de 15/17 anos, e são necessárias pelo menos 10000 horas de treino para que um atleta consiga atingir níveis elevados de performance na sua modalidade desportiva (Balyi, 2005). No que diz respeito aos jogadores portugueses, segundo um estudo realizado por Tarantini em parceria com o site desportivo *Zerozero* que analisou dados relativos a 16740 jogadores entre as temporadas 1980/1981 e 2016/2017, revelou que os jogadores portugueses terminam a sua carreira, em média, com 30,9 anos de idade. O mesmo estudo revela ainda que apenas 16% dos jogadores portugueses conseguem chegar à primeira liga, e que apenas 2% chegam à seleção nacional de seniores.

Está empiricamente comprovado que vários atletas passam por problemas de diversa ordem no que diz respeito à adaptação para a vida depois do desporto, como por exemplo, a maior suscetibilidade a lesões e problemas de identidade pessoal (Martin, Fogarty, e Albion, 2014; Stambulova, 1997, 2003). Segundo dados fornecidos pela Liga Portuguesa de Futebol os futebolistas que atuam na primeira liga portuguesa auferem, em média 6500 euros mensais, caso se retirem desta equação, os três maiores clubes nacionais. A necessidade de apoiar estes atletas na coordenação das suas atividades desportivas com outras atividades de forma a promover uma facilitação do processo de retirada da alta competição nasceu há cerca de 25 anos e resultou na criação de diversos programas por todo o mundo, entre os quais se destacam, por exemplo: "Olympic Athlete Career Centre" (Canada), "Career Assistance Program for Athletes" (EUA), "Athlete Career and Education" (Australia e Reino Unido), "Life Style Management Program" (Reino Unido), and "Retired Athlete" (Holanda). Os principais programas de apoio à carreira combinam workshops, seminários e aconselhamento individual aos atletas dando enfase à sua participação desportiva, às questões de desenvolvimento e estilo de vida, e ainda às questões vocacionais e educativas (Wylleman *et al.*, 2004).

É hoje em dia inquestionável que a Gestão Desportiva se assume como uma das principais áreas de intervenção profissional no contexto do Desporto (Pires e Sarmento, 2001). Neste complexo mundo que é o desporto de alta competição, todos os conceitos de gestão de recursos humanos que lhe são aplicáveis apenas fazem sentido se tivermos

em consideração o contexto em que os mesmo estão a ser utilizados. A gestão estratégica de recursos humanos num contexto de gestão unipessoal da carreira é, não só relevante para as organizações desportivas, mas também na determinação da maior ou menor capacidade adaptativa que o atleta terá nas transições que enfrentará ao longo da sua vida. Os desafios que se colocam em termos de gestão desportiva à sociedade atual, requerem ações e soluções diversificadas no sentido de promover oportunidades de crescimento e desenvolvimento desportivo e intelectual às futuras gerações de atletas e agentes desportivos (Pires e Sarmento, 2001).

2.3. Processos de transição de carreira no desporto

Uma transição na vida de uma pessoa é definida por Schlossberg (1981) como um acontecimento ou processo do qual resulta uma mudança de perceção sobre si mesmo e sobre o mundo, o que consequentemente requer uma mudança correspondente no comportamento e forma de relacionamento do individuo.

Para Brandão *et al.*, (2000, p. 50), "a qualidade das transições depende de fatores de adaptação, tais como experiências de desenvolvimento, (…) identificação social e contribuições de terceiros, bem como de recursos disponíveis para enfrentar a adaptação, nomeadamente estratégias para lidar com esta situação, apoio social e um planeamento prévio do desinvestimento na carreira".

No contexto da transição de carreira desportiva englobam-se as fases de desenvolvimento do atleta no desporto até o encerramento da carreira desportiva (Barros, 2008). Por seu lado, Veloso e Dutra (2010) referem que a transição na carreira ocorre quando o individuo efetua uma mudança que implica assumir uma nova identidade profissional. Estas mudanças poderão ter caráter voluntário ou involuntário (Riverin-Simard, 1993). A transição será considerada como voluntária sempre que seja realizada de livre vontade por parte do individuo, como por exemplo a mudança de clube, ou a opção por outro percurso académico. A transição será considerada involuntária sempre que seja despoletada por algum evento não planeado por parte do individuo, como por exemplo, a reforma por invalidez.

Segundo Lavallee (2000), no desporto de alta competição, devido às dificuldades evidenciadas por vários atletas, tem sido feito um esforço no sentido de contextualizar e

melhorar os conceitos que advém deste tema. Inicialmente, a maioria das teorias aplicadas às transições de carreira desportiva, utilizavam modelos explicativos adaptados de outras áreas. Mais recentemente, os autores começaram a propor modelos especificamente direcionados para a atividade desportiva. Os primeiros modelos explicativos dos processos transitórios nas carreiras dos desportistas são fundamentados em duas perspetivas teóricas: gerontologia social e a tanatologia (Gordon e Lavallee, 2012)

A gerontologia é a ciência social que analisa de forma sistemática o processo de envelhecimento do ser humano (Atchley, 1991). Diversos autores que abordam o tema das carreiras dos atletas de alta competição (e.g. McPherson, 1980; Rosenberg, 1981) afirmam que vários modelos sociais gerontológicos podem ser aplicados às transições no desporto. As principais teorias gerontológicas utilizadas para a interpretação dos percursos de carreira de atletas de alta competição são: 1) teoria da atividade; 2) teoria da subcultura; 3) teoria da separação ou desvinculação; 4) teoria da continuidade; e 5) teoria da quebra social (Lavallee, 2000).

A teoria da atividade sustenta que quanto maior for a atividade e a continuidade das atividades iniciadas em fases anteriores da vida, maior será a qualidade do processo de envelhecimento (Havighurst, 1961). Apesar de alguns autores terem, mais tarde, afirmado que este modelo não tem suporte empírico (Longino e Kart, 1982), a teoria da atividade foi relacionada com as transições de atletas de alta competição, sugerindo que "o papel do atleta deve ser substituído por novos papéis a fim de manter o nível homeostático de atividade durante toda a vida" (Brandão *et al.*, 2000, p. 50).

A teoria da subcultura caracteriza-se pela existência de normas e valores criados pelo grupo. Esta necessidade é criada pela necessidade de adaptação a novos papéis na sociedade, uma vez que a falta de papel social pode conduzir à perda de autoestima (Matimba, 2014). Também esta teoria foi utilizada para explicar as transições de carreira no desporto dos atletas de alta competição. Devido às características óbvias e distintivas da subcultura dos atletas, Rosenberg (1981) afirma que existe um enquadramento lógico no uso desta teoria para explicar os processos transitórios destes profissionais. Contudo, Gordon (1995) é menos positivo quanto à aplicabilidade desta teoria ao desporto devido ao facto de os ex-atletas estarem, na maioria das vezes, em situação de exclusão e não de inclusão na subcultura criada pelos indivíduos que compõem o grupo de atletas.

Por seu lado, a teoria da separação ou desvinculação (Cummings e Henry, 1961) enfatiza o movimento natural de isolamento do ser humano perante o avançar da idade (Quinnan, 1997). De acordo com esta teoria, o processo de reforma é visto como uma manifestação necessária do afastamento total entre a sociedade e a população mais envelhecida (Wasylenki, 1978), ainda que Lerch (1981) tenha demonstrado que um grande número de atletas tenta manter-se no desporto de alta competição, mesmo depois das suas capacidades técnico-táticas terem começado a diminuir. Assim sendo, no contexto desportivo, esta teoria parece acrescentar pouco à explicação do processo de retirada dos atletas (Blinde e Greendorfer, 1985).

A quarta teoria gerontológica utilizada no desporto é a teoria da continuidade. A teoria da continuidade foi inicialmente fundamentada por Atchley (1989) e foca-se no facto de não ser necessário substituir as atividades antigas por novas, podendo o individuo redirecionar as suas energias durante o processo de envelhecimento (Lavallee *et al.*, 2012). No que diz respeito ao término da carreira de atletas, Lerch (1981) defende que a teoria gerontológica da continuidade é capaz de prever a capacidade de adaptação dos atletas ao processo de transição final da sua carreira de alta competição através da avaliação da importância que o desporto tem na vida de cada atleta. Este autor testou empiricamente a teoria da continuidade com um conjunto de antigos jogadores de basquetebol nos Estado Unidos da América, não conseguindo, no entanto, verificar a existência de uma correlação entre as variáveis de continuidade e o processo de abandono da carreira por parte destes atletas (Lavallee, 2000).

Por último, foi também utilizada a teoria da quebra social para explicar o processo de retirada dos atletas de alta competição. Esta teoria foi formulada por Kuypers e Bengtson (1973), que afirmam que "o sentido de si mesmo de um indivíduo, a sua capacidade de mediar entre si e a sociedade e a sua orientação para o domínio pessoal são funções do tipo de rotulagem social e de valor que o ser humano experiencia no seu envelhecimento" (Kuypers e Bengtson, 1973, p. 182). Na literatura desportiva, a teoria da quebra social é apresentada como totalmente capaz de explicar o processo de reforma dos atletas (Lavallee, 2000). Edwards e Meier (1984) investigaram empiricamente a relação entre a adaptação à retirada profissional do desporto de alta competição e várias variáveis relevantes na teoria da decomposição social, incluindo o estatuto socioeconômico planeamento pré-reforma e saúde, entre outros. Neste estudo realizado com dados de ex-

jogadores profissionais de hóquei no gelo da América do Norte, verificou-se que existe uma correlação positiva entre os aspetos acima mencionados, suportando o paradigma da quebra social.

A tanatologia é o estudo do processo da morte e esta perspetiva também tem sido usada para explicar o processo de transição dos desportistas (Brandão *et al*, 2000). Se por um lado, de uma forma literal, a morte é vista como a perda total das capacidades físicas e intelectuais, o conceito tem sido também aplicado às situações em que o individuo se encontra "socialmente morto" mesmo que seja considerado biologicamente e legalmente vivo (Lerch, 1984; Rosenberg, 1984).

Glaser *et al.* (1965), no estudo denominado por "Awaress of Dying" tiveram em consideração as relações entre pessoas em estado terminal e aqueles que com estes interagiam. Os autores identificaram quatro contextos de consciência relativos aquilo que cada um dos intervenientes conhecia sobre o estado do paciente com o qual interagiam: (1) Consciência fechada – quando a pessoa não tem qualquer consciência acerca do estado dos pacientes; (2) Consciência suspeita – quando a pessoa não sabe, mas suspeita, com algum grau de certeza, que os pacientes estão prestes a morrer; (3) Pertença mutua – quando todos sabem que o paciente está a morrer, porém existe um acordo tácito para agir como se esse não fosse o caso; e 4) Consciência aberta – quando quer o paciente, quer todos aqueles que o rodeiam têm completa consciência da morte iminente do paciente. Tendo em consideração o estudo anteriormente mencionado, Gordon (1995) apresenta algumas conclusões, nomeadamente no que diz respeito à aplicabilidade da teoria da consciência fechada às transições desportivas. O autor afirma que existem semelhanças entre a consciência fechadas dos pacientes com aquela que é evidenciada por alguns atletas numa fase em que não conseguem percecionar que estão prestes a ser relegados para segundo plano na sua equipa devido ao decréscimo e deterioração das suas capacidades físicas.

Por sua vez, na sua obra "On Death, and Dying", Kubler-Ross (1969), delineou as cinco etapas do processo de morte de um individuo: (1) Negação – esta fase é geralmente a primeira reação ao diagnóstico de doença terminal, sendo utilizado como mecanismo de proteção; (2) Raiva – nesta fase o paciente demonstra raiva e frustração perante a situação; (3) Negociação – existe uma tentativa, por parte do paciente, de negociar o adiamento do momento da sua morte; (4) Depressão - esta fase é marcada pelas perdas

que ocorreram no processo de agravamento da doença e pela preparação para a separação entre si e os seus entes mais próximos; (5) – Aceitação – nesta última etapa do processo, existe uma certa expetativa e o individuo deixa de lutar pela própria vida.

Quer a teoria da morte social (Glaser *et al.*, 1965), quer a teoria da consciência social (Kubler-Ross,1969), foram utilizadas para a explicação do processo de transição dos atletas (Lerch, 1984; Rosenberg, 1984). Para além destas, nos finais do século XX, surgiram diversos novos modelos que foram totalmente formulados tendo em perspetiva a explicação dos processos transitórios dos atletas de alta competição (Brandão *et al.*, 2000). Por exemplo, em meados da década de 80 do século XX surgiram alguns modelos que visam explicar o processo de transição dos atletas de uma forma mais específica e direcionada. Ao modelo analítico formulado por Susseman (1971) e ao modelo de adaptação humana à transição de Schlossberg (1981), sucederam-se vários outros que explicam as transições dos atletas como um processo interativo (Wyllerman *et al.*, 2004). Dentro do vasto conjunto de modelos formulados destacamos o modelo de Ogilvie e Taylor (1998) denominado por Modelo Conceptual de Adaptação à Transição de Carreira. Considera-se que este foi o único modelo explicativo diretamente vocacionado para explicar as transições no desporto quer amador quer de alta competição. Na conceção deste modelo, os autores fizeram questão de tentar determinar de forma transversal o percurso tomado no momento da última transição de carreira dos atletas. Em primeiro lugar os autores procuram determinar qual ou quais as razões que levaram o atleta a decidir terminar a sua carreira em determinado momento. De seguida procuram observar quais os principais fatores de adaptação do atleta à transição de carreira. Numa terceira etapa têm como objetivo perceber quais os fatores internos e externos que ajudam o atleta a ultrapassar esta etapa. Através da informação recolhida nas etapas anteriores, os autores conseguem inferir se a transição foi feita de uma forma positiva ou negativa. Por último, os autores formulam algumas sugestões, categorizadas por níveis (cognitivo, comportamental, emocional e social) com o intuito de facilitar todo o processo vivido pelos atletas nesta fase.

Outra das propostas com maior impacto sobre este tema é o Modelo de Transição da Carreira Desportiva de Stambulova. Este modelo constitui uma análise das motivações, exigências e das consequências da transição bem como de todos os esforços que o atleta

deve realizar para que o processo de adaptação à nova etapa seja totalmente bem-sucedido. (Gomes *et al*, 2016).

Para explicar as transições das carreiras dos atletas contribuíram diversos estudos realizados ao longo dos últimos anos. Baillie (1990, citado por Lavellee *et al.*, 1998, p. 33) realizou três estudos sobre a preparação e adaptação ao processo de abandono da atividade desportiva de alta competição, nos quais os resultados sugerem que muitos atletas estão mal preparados para o processo de retirada da alta competição. Por sua vez, Gordon *et al.* (1997, citado por Lavellee *et al.*, 1998, p. 36) realizaram um estudo com 48 atletas já retirados da sua atividade profissional, no qual juntaram informação relativa ao impacto no aspeto financeiro, ocupacional e emocional relacionado com o processo de abandono da carreira de atletas de alta competição e concluíram que os atletas utilizam a aceitação, a reinterpretação e o planeamento como estratégias para lidar com o processo de abandono da carreira. Também Sinclair *et al.* (1993, citado por Lavellee *et al.*, 1998, p. 41) analisaram o processo transitório do abandono das carreiras desportivas. Os autores concluíram que os atletas com mais dificuldades no processo de transição de término da carreira desportiva tendem a sentir-se menos bem-sucedidos em atividades posteriores à carreira desportiva.

Para Stambulova (1994), o término da carreira futebolística, é visto como a transição de um ex-atleta para uma nova categoria profissional e por isso é natural que exista uma preparação para este processo de transição entre os dois momentos: a carreira de futebolista enquanto atleta de alta competição e a carreira pós futebol profissional.

2.4. Objetivos e questões de investigação

No desporto de alta competição é inevitável que a carreira termine: independentemente de isso ocorrer repentinamente devido a uma lesão ou de forma progressiva com a deterioração das capacidades físicas e técnicas. Em síntese, esta transição não pode ser evitada (Barry et al, 2016). Contudo, permanece escassa a investigação sobre o modo como essa transição ocorre e o modo como os indivíduos se preparam. Por isso, o objetivo principal deste estudo é o de caracterizar o percurso profissional e académico de vários antigos futebolistas profissionais portugueses, analisando as diversas etapas que levaram cada atleta até à fase de retirada final. São objetivos específicos deste estudo os seguintes:

1. Conhecer os principais fatores que levaram a optar por uma carreira futebolística;
2. Descrever o percurso futebolístico e académico de cada atleta;
3. Descrever o processo de retirada do panorama do futebol profissional, para identificar as principais razões, dificuldades observadas e fontes de apoio após o fim da atividade desportiva.

Para que fosse possível atingir estes objetivos, encetaram-se contactos junto de ex-jogadores profissionais, disponíveis para falarem "à vontade" sobre a sua vida pessoal e profissional. Para o efeito, foi necessária a intermediação de alguém ainda ligado ao desporto e ao futebol, igualmente motivado para solucionar as dificuldades sentidas pelos profissionais desta atividade desportiva no fim da sua carreira.

3. Metodologia

3.1. Abordagem metodológica

Como em Portugal pouco se sabe sobre o percurso pós carreira desportiva dos profissionais de futebol, este estudo incide sobre o percurso profissional de vários antigos futebolistas profissionais portugueses, analisando as diversas etapas que levaram cada atleta até à fase de retirada final. Uma vez que este estudo recai sobre as experiências profissionais e académicas dos ex-jogadores de futebol, optou-se pela metodologia qualitativa e pela recolha de informação através de entrevistas individuais semiestruturadas.

No que diz respeito às ciências sociais, pode dizer-se que a metodologia qualitativa está intrinsecamente ligada aos fenómenos não quantificáveis, isto é, "ao espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (Minayo, 2001, p. 22). Na pesquisa qualitativa, o investigador vai para o terreno procurar captar o fenómeno em estudo a partir das perspetivas das pessoas nele envolvidas considerando todos os pontos de vista relevantes (Godoy,1995). De acordo com Reichardt e Cook (1979), a metodologia qualitativa caracteriza-se pelos seguintes aspetos:

- procura analisar comportamento humano, através da observação naturalista e não controlada;
- é subjetiva, com uma perspetiva interior e orientada para o descobrimento;
- tem carater exploratório, descritivo e indutivo;
- assume uma realidade dinâmica;
- tem natureza holística e não é generalizável;

3.2. Procedimentos de recolha de dados

Para a obtenção de toda a informação relevante para este estudo foram realizadas diversas entrevistas semiestruturadas que permitissem, de uma forma direta, recolher informação sobre o fenómeno em causa (Tuckman, 2000).

Tal como se referiu, o contacto com ex-jogadores de futebol profissional portugueses foi proporcionado por um atual atleta da primeira divisão nacional que se dedica em paralelo a causas relacionadas com as problemáticas do término da carreira desportiva. No sentido de selecionar a amostra, recorreu-se aos seguintes critérios: (1) ser de nacionalidade portuguesa, (2) ter sido jogador de futebol profissional, (3) ter terminado a sua atividade profissional desportiva após a temporada 2009/2010, (4) ter jogado na primeira divisão nacional portuguesa durante, pelo menos, uma época desportiva, (5) ter disponibilidade para participar neste estudo e ser entrevistado.

O processo de recolha de dados decorreu entre Maio e Junho de 2017 através da realização de 7 entrevistas, 4 das quais realizadas presencialmente, tendo as restantes sido conduzidas através da ferramenta *Skype*. As entrevistas foram realizadas individualmente, e tiveram uma duração média de 18 minutos.

Para abordar os temas principais, as entrevistas feitas aos profissionais de futebol seguiram um protocolo de entrevista que continha as seguintes questões orientadoras:

1) Que idade tem atualmente?
2) Qual foi o seu primeiro e último clube a nível profissional?
3) Por quantos clubes passou ao longo de toda a sua carreira como profissional?
4) Quanto tempo durou a sua carreira como profissional?
5) Em algum momento da sua carreira teve uma experiência internacional? Porquê?
6) Qual o nível académico mais alto que possui? Este foi obtido antes ou depois de terminar a carreira?
7) Em que momento decidiu que podia fazer carreira no futebol?
8) De que forma reagiu a sua família?
9) Durante os anos em que foi profissional de futebol, planeou, de alguma forma o momento da retirada?
10) Quando é que se apercebeu que a sua carreira tinha terminado?

11) Que opções profissionais tomou a partir deste momento? O que fez e o que faz atualmente?
12) Quais foram as principais dificuldades encontradas neste processo?
13) Quais foram os principais motivos que permitiram atenuar todas as dificuldades vividas?
14) Relativamente às relações sociais, sofreram alguma alteração?

Os visados foram atempadamente contactados e informados sobre a hora e local da conversa, bem como daqueles que seriam os assuntos a abordar. Em nenhum momento nos foi negada a possibilidade de identificar os entrevistados. Contudo, por uma questão de confidencialidade quanto aos dados fornecidos, a sua identidade não é revelada. Por fim, e para garantir o rigor da recolha e posterior análise de dados, todas as entrevistas foram alvo de uma gravação áudio previamente consentida por todos os intervenientes e foram posteriormente transcritas.

3.3. Os participantes

Os dados que compõem este estudo foram providenciados por antigos atletas de futebol que se disponibilizaram para apoiar este projeto. No nosso entendimento, para uma melhor análise dos percursos pós carreira futebolística, o contacto direto com alguns antigos profissionais de futebol era essencial, e dessa forma procuramos obter a sua colaboração. No seu conjunto, foram entrevistados 7 antigos profissionais de futebol, portugueses, a residir em Portugal continental, e que terminaram a sua carreira desde a época 2009/2010. Todos os jogadores abordados têm em comum o facto de, em algum momento da sua carreira, terem representado clubes da 1ª Divisão Nacional, na zona Norte do país. As características principais desta amostra encontram-se evidenciadas na seguinte Tabela:

	Características dos Participantes	
Idade	Média Intervalo	37,6 31 - 42
Habilitações Académicas	9º Ano 12º Ano Licenciado	3 2 2
Nº de Transições	Média Intervalo	9,1 6-13
Experiência Internacional	Sim Não	7 0
Idade da Retirada	Média (anos) Intervalo	35 31-39
Duração da Carreira	Média (anos) Intervalo	16,3 12-20
Situação Profissional Atual	Empregado Desempregado	6 1
Atividade Atual	Desporto Indústria	5 2

Tabela 1 - Dados demográficos da amostra

3.4. Procedimentos de análise de dados

Todo o material recolhido foi integralmente transcrito e sujeito a uma análise de conteúdo por categorias (Bardin, 2013), com recurso ao programa "QSR NVivo11".

O processo da análise de conteúdo envolveu várias etapas. A primeira implicou uma análise exploratória das transcrições e a escolha do tema como unidade de registo. A segunda etapa envolveu uma primeira identificação dos temas/categorias e subcategorias temáticas, tendo por base o protocolo e os principais assuntos abordados nas entrevistas. A terceira etapa correspondeu à codificação do material transcrito, por categorias e subcategorias. De acordo com o material alvo de análise foi realizada uma revisão da estrutura inicial de categorias, com a adição de novas subcategorias, à medida que novos temas surgiam. Este procedimento é consistente com as recomendações de Bardin (2013) para uma metodologia mista que usa simultaneamente categorias pré-definidas e novas subcategorias que melhor se adequam ao material analisado. Por fim, a ultima etapa do processo envolveu a exploração dos dados, procurando observar relações entre as várias subcategorias.

Da análise de conteúdo temática efetuada, resultaram 4 categorias e 12 subcategorias como apresentado na Tabela seguinte:

Categoria	Subcategoria
1. Início de Carreira	Motivações Suporte Familiar
2. Durante a Carreira	Experiência Internacional Planeamento do Fim
3. Percurso Académico	Antes do Término Durante a carreira Depois do Término
4. Fim da carreira	Motivações Dificuldades vivenciadas Apoio Atividade atual Relações Sociais

Tabela 2 - Categorias e subcategorias

4. Resultados

Neste capítulo apresentam-se os resultados seguindo a estrutura de categorias e subcategorias resultante da análise de conteúdo. Para facilitar a apresentação dos resultados, os temas agrupados em subcategorias são descritos por ordem decrescente de referências, e em caso de igualdade, por ordem alfabética decrescente. Os dados principais foram resumidos em tabelas, de forma a permitir uma leitura mais fácil, e posteriormente explicados e ilustrados com excertos obtidos a partir dos testemunhos dos entrevistados. Tal como já foi referido, a identidade dos atletas foi salvaguardada, estando os mesmos identificados com a nomenclatura: J1…J7, sendo acrescentada alguma informação sociodemográfica sempre que a mesma se revele essencial à compreensão.

4.1. Início de carreira

Tal como na vida, também a carreira pode ser vista como uma etapa com princípio, meio e fim. Neste sentido, considerou-se de elevada importância começar por uma análise às principais motivações que levaram à aposta numa carreira futebolística, bem como verificar o suporte familiar nesta tomada de decisão.

4.1.1 *Motivos para iniciar a carreira*

Após a análise dos dados, foi possível identificar três principais motivos que levaram os jovens jogadores a optar por uma carreira profissional no futebol, como se resume na tabela seguinte.

Categoria	Subcategoria I	Subcategoria II	Fonte	Referências
Início de Carreira	Motivos	Não planeado	5	5
		Sonho infância	2	2
		Inexistência de plano B	1	1

Tabela 3 - Motivos para iniciar a carreira futebolística

A principal razão referida pelos antigos profissionais para terem enveredado por uma carreira no futebol de alta competição foi uma sucessão de eventos não planeados que levaram a esta opção. Todos os entrevistados que o mencionaram (5 em 7) referem que não foi uma decisão planeada ou pensada a longo prazo, mas que, por diversas circunstâncias da vida acabaram por se profissionalizar no futebol.

"No momento em que cheguei a júnior de primeiro ano, assinei um contrato de formação e fui elogiado por várias pessoas do mundo do futebol. A partir dai comecei a trabalhar para esse objetivo. No ano seguinte integrei a equipa sénior e só aí me apercebi que poderia ser por ali o meu futuro." (J1)

" (...) Naquela altura, com aquela idade não temos noção. Naquela altura acho mesmo que ninguém pensa em ser jogador de futebol. As coisas acontecem naturalmente. Alias, a grande diferença que eu vejo para agora é que naquela altura os meus pais faziam tudo para que eu não jogasse, e diziam-me para eu ir estudar, e hoje em dia os pais querem é que os filhos joguem futebol." (J3)

Em segundo lugar, a razão mais apontada como decisória para tentar um futuro como profissional de futebol é o amor pela modalidade e o desejo desde muito jovem em seguir esta profissão.

"Desde miúdo que sempre sonhei ser jogador de futebol. Pelas minhas origens e pela minha ligação ao desporto pela via familiar senti sempre que o meu caminho era por aqui. Cresci num bairro muito pobre aqui em Lisboa, e andávamos sempre com a bola debaixo do braço, e os estudos eram sempre deixados para trás." (J4)

"Nunca decidi, nem nunca achei. Apenas fui aproveitando as oportunidades. Não foi uma decisão pensada. Foi sempre um sonho. Consegui chegar aos séniores do Trofense que era o meu grande sonho. E tudo o resto veio por acréscimo." (J7)

Por último, surge com menor relevo, uma terceira motivação referida apenas por um dos antigos jogadores: a inexistência de um plano B. Este atleta refere que devido às suas dificuldades em termos escolares, nunca vislumbrou outra possibilidade sem ser apostar forte no futebol, modalidade pela qual nutria grande admiração:

"Aos 16 anos os meus pais obrigaram-me a ir trabalhar para uma mercearia que tinham na altura. Naquele tempo tinha reprovado na escola por duas vezes e os meus pais decidiram que era a melhor opção. Foi nesse momento que me deu o "clique", que

era o futebol que eu queria, e na altura deixei o trabalho e dediquei-me a sério, e motivei-me com o facto de não querer voltar a trabalhar com os meus pais." (J2)

4.1.2 *Suporte Familiar*

A Tabela seguinte resume as diferentes opiniões dos jogadores sobre a importância do núcleo familiar no momento em que, numa fase tão precoce da vida, tomaram a decisão de largar os estudos e por vezes a cidade natal, para investir numa carreira incerta ligada ao mundo do futebol.

Categoria	Subcategoria I	Subcategoria II	Fonte	Referências
Inicio de Carreira	Suporte familiar	Positivo	6	6
		Indiferente	1	1

Tabela 4 - Suporte familiar

Como se observa, a maioria dos jogadores (6 em 7) sentiu-se sempre bastante apoiada pelo seu núcleo familiar na decisão de abraçar o futebol com uma profissão. Esse apoio foi vincado desde muito cedo, e contribuiu para a ascensão profissional dos jogadores, tal como relevam as declarações apresentadas de seguida.

"Os meus pais sempre me incentivaram e acompanharam para todo o lado, para todos os jogos. Fizeram um grande esforço familiar e financeiro para que o meu sonho não morresse. Quando surgiu o primeiro contrato profissional foi uma grande alegria para todos lá em casa por verem recompensados todos os sacrifícios feitos até essa altura." (J2)

"Regiram muito bem. O meu pai sempre esteve ligado ao desporto, bem como o meu irmão. A nível amador, mas existia essa ligação ao futebol. Para além disso, cresci num bairro social, a nossa vida era o futebol, (...) por isso desde muito cedo foi algo visto como natural para a minha família." (J4)

"Foram sempre o meu maior apoio. Lidaram bem com a situação, e encararam a situação como se eu estivesse a seguir outra profissão qualquer." (J7).

Apenas um dos entrevistados sentiu que a família não estaria em total consonância com a sua decisão naquele momento, não tendo, contudo, interferido de forma negativa na sua decisão.

"As coisas processaram-se de uma forma muito rápida. Até então nunca tinham existido conversas lá em casa sobre a possibilidade de eu me tornar jogador e a partir do momento em que fiz um torneio de páscoa pelo FC Porto é que essa ideia ficou mais vincada. Nunca se opuseram a esta minha opção, e com o passar dos anos viram que, naquele momento, foi a mais acertada." (J3)

Importa também referir que nenhum dos entrevistados se sentiu negligenciado ou desapoiado pela sua família no que diz respeito a esta tomada de decisão.

4.2. Durante a carreira

Ultrapassada a primeira etapa que inicia o percurso profissional como atleta de alta competição importa analisar de que forma o profissional vivenciou as diversas dimensões associadas à carreira futebolística. Dentro desta fase destacamos as suas experiências em campeonatos fora do território nacional, e a forma como planearam o momento da sua retirada.

4.2.1 *Experiência internacional*

Durante a sua atividade como profissional de futebol, um jogador vivência transições, e experimenta diferentes organizações, tal como em qualquer outra profissão. No âmbito deste trabalho, foi tido em consideração o número de vezes em que cada atleta apostou na sua carreira fora do seu país de origem.

As Tabelas seguintes evidenciam o número de vezes que o jogador esteve no estrangeiro, bem como as principais motivações para sair de Portugal e disputar outros campeonatos.

	Nº Experiências Internacionais	Fontes
Experiência Internacional	1x	6
	2x ou mais	1

Tabela 5 - Nº de experiências internacionais

Verifica-se que todos os jogadores entrevistados experienciaram uma participação num campeonato profissional fora de Portugal. Seis dos sete jogadores foram apenas uma vez competir internacionalmente (todos eles durante uma única época desportiva), regressando depois aos campeonatos profissionais portugueses.

"Aos trinta anos fui para o Chipre durante uma época desportiva. Sempre tive esse desejo e, quando existiu essa oportunidade agarrei-a. Ao longo da minha carreira existiram sempre alguns interesses, mas que nunca se concretizaram. Tenho pena de não ter saído para uma liga mais competitiva, mas gostei e adaptei-me muito bem." (J2)

"Saí para a Grécia durante uma temporada. Gostei de jogar lá fora, foi uma experiência muito positiva na minha vida." (J4)

"Estive em França, uma temporada apenas, no Ajaccio. Decidi apostar numa experiência lá fora, mas regressei rapidamente." (J7).

Apenas um dos profissionais entrevistados teve mais do que uma experiência no estrangeiro. Por quatro ocasiões, o jogador deixou os campeonatos nacionais e saiu para competir lá fora.

"Espanha, Qatar, Emirados Árabes e Angola. Apenas uma temporada em cada um destes países, sendo que nos Emirados Árabes acabei por só lá estar meia época." (J6).

Para além de que analisar quantas vezes cada jogador saiu para competir noutras ligas, importa também perceber o que os motivou a tomar tal decisão, como se resume na Tabela seguinte.

Categoria	Subcategoria I	Subcategoria II	Fonte	Referências
Durante a carreira	Experiência internacional	Motivação Financeira	7	7
		Experimentar outros campeonatos	2	2
		Recuperar credibilidade	1	1

Tabela 6 - Experiência Internacional

Como se observa, a principal motivação para uma experiência profissional fora do país é financeira. Mesmo aqueles atletas que não referem o aspeto financeiro como a principal prioridade na hora de optar pela experiência internacional não conseguem deixar de referir que a atratividade económica de campeonatos desportivamente menos atrativos é enorme.

"Tinha vontade de sair de Portugal. (...) Quando saio de Guimarães aos 32 anos percebo que é a altura de dar esse passo, e a proposta que tive foi muito entusiasmante do ponto de vista financeiro." (J1)

"Foi uma questão meramente financeira. Na altura sai para a segunda divisão espanhola e já se pagava muito bem. Eu imagino aquele clube na primeira liga ... pagaria certamente bem mais do que os três grandes (FC Porto, SL Benfica, Sporting CP)." (J3)

"Fui uma temporada para a Turquia por empréstimo. Na altura optei por ir por motivos financeiros. O projeto e os valores apresentados eram muito bons e como a minha idade já estava avançada para um profissional de futebol, tinha sido pai recentemente, decidi ir para assegurar o meu futuro nesse aspeto." (J5)

Com menor expressão, mas não menos importante, dois dos jogadores referiram como principal motivação para disputar outros campeonatos, a vontade de experimentar outras ligas.

"Aos 30 anos fui para o Chipre, muito pela vontade de experimentar outras ligas. Gostava de poder ter ido para uma liga mais competitiva, mas não se concretizou.

Naquele ano existiu uma conjunção de fatores fantásticos e fui realizar esse meu objetivo de disputar outro campeonato e vivenciar outra realidade." (J2)

Por fim, foi também referido por um dos intervenientes que a sua saída para outros campeonatos se ficou a dever à necessidade de recuperar a credibilidade desportiva, devido a uma grave lesão que o afastou durante duas épocas do futebol de alta competição.

"A minha carreira não decorreu como eu desejaria. Gostaria de ter saído para outros campeonatos, mas não por estes motivos. Naquela altura, aos 28 anos, vinha de uma lesão gravíssima e estive 2 anos sem jogar. E o futebol funciona muito na base da credibilidade, do quanto os clubes acreditam em ti. Os clubes cá sabiam do meu valor, mas tinham dúvidas (legitimas) acerca da minha condição física. Então tomei a decisão de sair para jogar e mostrar que, se quisessem contar com os meus serviços, eu estaria disponível." (J4).

4.2.2 *Planeamento do fim*

No que concerne ao planeamento do término da carreira desportiva dos atletas, o foco recaiu sobre a perceção que os atletas tiveram ou não acerca da curta duração da sua carreira desportiva e da forma como prepararam a fase seguinte. Da análise de conteúdo resultaram as subcategorias descritas na Tabela seguinte.

Categoria	Subcategoria I	Subcategoria II	Fonte	Referências
Durante a carreira	Planeamento do fim	Retirada não planeada	4	4
		Planeamento feito perto do fim	2	2
		Planeamento transversal	1	1

Tabela 7 - Planeamento do fim

Como se observa, percebe-se que na sua maioria os entrevistados não planearam de forma transversal e (e em todas as dimensões) o momento da sua saída. Grande parte destes atletas referem mesmo que nunca planearam o fim da carreira desportiva, embora tivessem perfeita consciência da curta duração da mesma.

"Mesmo tendo perfeita consciência que as coisas iriam terminar um dia, nunca planeei nada até ao momento em que decidi terminar a carreira. Foi só nessa altura que "me caiu a ficha" e comecei a pensar o que fazer a seguir." (J3)

"Infelizmente não. Tinha a noção exata que as coisas terminariam, mas nunca planeei nada. Sempre foi um dos meus lemas de vida profissional, estar a 100% na minha profissão. A nível financeiro estruturei bem as coisas, no resto assumo que falhei." (J6)

"Tal como não planeei a minha entrada no mundo do futebol, também não planeei a minha retirada. Fui delineando algumas estratégias, mas nunca criei planos". (J7)

Por outro lado, dois dos entrevistados referem que esse planeamento existiu, embora tenha sido feito já perto do final e não de uma forma continuada ao longo do percurso futebolístico.

"Planeei um pouco. Sou sócio do sindicato de jogadores e na última temporada, quando estava em Coimbra, abordei o sindicato no sentido de me juntar ao programa "Novas Oportunidades" e terminar o 12º ano. (...) Outra das formas de planear a minha retirada foi tirar um curso de treinador em horário pós-laboral também durante a minha última época como jogador profissional." (J4)

"Apenas tratei disso na fase final. Quando me apercebi que as coisas estavam perto de acabar decidi concluir o nono ano ainda estando ao serviço do Rio Ave FC." (J5).

É de salientar que apenas um dos jogadores entrevistados tenha referido que o planeamento que fez do momento da sua retirada futebolística foi realizado de forma transversal ao longo da sua carreira.

"Ao longo de todo o percurso o meu empresário (e amigo) acompanhou com atenção a minha carreira. Perto dos 30 anos abordou-me no sentido de perceber aquilo que eu gostaria de fazer, e eu já tinha as coisas bem definidas. Disse-lhe que gostaria de me manter ligado ao futebol e ao agenciamento de jogadores. Quando terminei a carreira integrei a empresa dele." (J2)

4.3. Percurso académico

Relativamente ao percurso académico de cada jogador, importa para este estudo analisar qual a evolução entre o período de carreira e após o término da mesma. Para um melhor detalhe do percurso realizado pelos jogadores, os resultados estão espelhados na seguinte tabela.

	ANTES	DEPOIS
J1	9º ano	9º ano
J2	9º ano	9º ano
J3	12º ano	Licenciatura
J4	11º ano	11º ano
J5	9º ano	12º ano
J6	12º ano	Licenciatura
J7	11º ano	12º ano

Tabela 8 - Evolução do percurso académico

4.3.1 *Durante a carreira*

A maioria dos entrevistados possuía, antes da data de fim da sua carreira, habilitações correspondentes ao 9º ano. Após o fim da carreira, as habilitações académicas dos atletas entrevistados encontram-se em situação de igualdade entre Licenciatura, 12º ano e 9º ano.

A idade precoce com que a maioria dos jogadores assina o seu primeiro contrato profissional leva, em grande parte dos casos, a que a escola seja deixada de lado para que o atleta se possa profissionalizar. Durante a carreira desportiva, os dados revelam que nenhum dos atletas conseguiu dar continuidade ao seu percurso académico. De todos os jogadores que participaram no estudo, três deles ainda tentaram dar seguimento aos estudos durante a sua carreira como profissional, mas acabaram por desistir.

"Enquanto jogava no Setúbal ainda terminei o 9º ano, mas depois não dei seguimento." (J2)

"Quando estava no FC Porto ainda fui com alguns colegas às Novas Oportunidades, mas nunca íamos às aulas." (J4)

4.3.2 *Antes do término da carreira*

Os dados obtidos acerca do tema "percurso académico" permitem-nos concluir que antes da carreira desportiva terminar, o foco nunca foi dar continuidade ao percurso escolar:

"Na altura, não cheguei a terminar o 12º ano. Dou-te um exemplo, eu ia com o JM às aulas das novas oportunidades, e fomos lá 2 ou 3 vezes. Era difícil conciliar." (J4)

"São momentos da nossa vida em que temos de tomar uma decisão, e eu optei por deixar a escola e dedicar-me ao futebol." (J5)

4.3.3 *Depois do término da carreira*

A Tabela seguinte pretende mostrar quais os jogadores que voltaram à escola e aqueles que não sentiram essa necessidade.

Categoria	Subcategoria I	Subcategoria II	Fonte	Referências
Percurso académico	Depois do término	Não voltou a estudar	3	3
		Regressou aos estudos devido a exigências do mercado de trabalho	3	3
		Regressou aos estudos por realização pessoal	1	1

Tabela 9 - Depois do término

Sobre o regresso ou não à escola após o fim da carreira de futebolista, as opiniões dividem-se. Pouco mais de metade dos entrevistados, voltou a fazê-lo. A maioria destes regressou por necessidade, uma vez que, num mercado de trabalho tão competitivo como aquele que se observa hoje, sem essas habilitações jamais poderiam alcançar os seus objetivos.

"Acabei por terminar o 12º ano apenas agora, porque era um dos requisitos mínimos para me inscrever no curso de treinadores." (J5)

"Quando estava no Trofense estive inscrito no 12º ano, mas não cheguei a terminar. Depois de pendurar as chuteiras terminei-o através das novas oportunidades, e dessa forma consegui entrar no meio da indústria metalomecânica, que era algo que eu já ambicionava." (J7)

Por sua vez, apenas um dos jogadores que regressou aos estudos o fez por satisfação pessoal.

"Quando jogava já era estudante académico. Depois abandonei por incompatibilidade. Terminei agora essa licenciatura porque sempre foi uma meta minha, um objetivo pessoal." (J6)

No sentido oposto, os restantes antigos jogadores de futebol não voltaram a estudar. Uns não sentiram essa necessidade, outros referem que não se sentem capazes para o fazer nesta fase, tal como revelam os excertos seguintes.

"Arrependo-me de não ter dado seguimento pois hoje em dia teria sido uma grande ajuda." (J1)

"(...). Eu gostava, mas sinto que não fui feito para isso. Para estudar é preciso puxar muito pela cabeça." (J2)

4.4. Fim da carreira

No que diz respeito ao último tema abordado, procurou-se obter informação acerca dos principais passos dados após o término da carreira desportiva. Neste sentido, os jogadores deram ênfase aos motivos que os levaram a dar como terminada a sua carreira futebolista, às principais dificuldades vivenciadas por cada um deles, assim como aos fatores que ajudaram no processo de transição. Referiram-se igualmente à atividade profissional atual e ao modo como as suas relações sociais se modificaram com esse processo.

4.4.1 *Motivos para terminar a carreira*

O primeiro tópico abordado, relacionado com o fim da carreira desportiva, é o das razões que cada jogador evoca para dar como terminada a sua atividade como o profissional, resumidas na Tabela seguinte:

Categoria	Subcategoria I	Subcategoria II	Fonte	Referências
Fim da carreira	Motivos	Desgaste psicológico	3	5
		Lesão	2	2
		Fase de decadência	1	1
		Opção	1	1

Tabela 10 - Motivos para terminar a carreira futebolística

Os motivos foram variados, destacando-se o mais frequente: o desgaste psicológico. O desgaste psicológico é referido pela maior parte dos ex-atletas e está

intimamente relacionado com situações de injustiça vividas durante a carreira, bem como com uma rotina dura e prolongada.

"No meu último ano como profissional, o clube caiu numa situação financeira grave e a minha motivação começou a desvanecer. Estava cansado de muita coisa, e preferi terminar o meu percurso." (J1)

"Senti isso na última temporada. As coisas não correram muito bem e eu percebi que tinha acabado. Estava desgastado psicologicamente por estar longe também e tudo fica mais complicado." (J6)

O segundo fator mais mencionado pelos antigos atletas para o abandono da carreira foi o aparecimento de lesões que limitaram as suas capacidades físicas enquanto jogadores.

"Naquele momento optei por ir estudar. Surgiu uma lesão que me fez parar durante vários meses, e senti que já não voltaria à minha melhor forma." (J3)

"Fiz seis operações ao joelho no mesmo ano. Nos últimos três, quatro anos de carreira joguei sempre com analgésicos e anti-inflamatórios. Tive mesmo de acabar com aquele sofrimento." (J4)

Por fim, dois entrevistados terminaram a carreira por motivos distintos. Um deles tomou essa decisão de livre e espontânea vontade, tal como sugere o excerto seguinte.

"No fim da minha última temporada o clube achou que já não precisava mais dos meus serviços, e dispensou-me. Optei por investir no meu futuro." (J5)

O outro decidiu terminar quando sentiu sinais inequívocos de decadência física, ainda que não causados por lesão, como refere:

"No último ano não me sentia apto para jogar ao mais alto nível e decidi terminar." (J2)

4.4.2 *Dificuldades vivenciadas*

A Tabela seguinte resume as principais dificuldades reportadas pelos entrevistados durante o processo de transição pós-futebol.

Categoria	Subcategoria I	Subcategoria II	Fonte	Referências
Fim da carreira	Dificuldades vivenciadas	Adaptação a uma nova vida e uma nova rotina	6	6
		Saudades da vida desportiva	2	2
		Dificuldades económicas (Quebra salarial)	1	1

Tabela 11 - Dificuldades vivenciadas

Como se observa, praticamente todos os atletas referem como maior dificuldade neste processo de transição a alteração das rotinas com as quais viveram durante mais de uma década.

"A minha maior dificuldade foi habituar-me a uma nova realidade, e a uma nova rotina" (J1)

"A rotina muda muito. Antigamente era levantar, treinar, comer, treinar, voltar a comer, e depois tudo muda. No início é estranho." (J4)

"Foram muitos anos ligado ao futebol. A minha maior dificuldade foi mesmo mudar a rotina" (J5)

Também neste sentido, alguns atletas referiram sentir falta da "vida de atleta". Mais do que se habituarem uma nova forma de vida, as memórias e a vontade de continuar no ativo foram também um fator de pressão psicológica nestes atletas.

"Apercebi-me que as minhas qualidades técnicas já não eram as melhores, mas sinto muita falta de jogar futebol." (J1)

Por sua vez, apenas um atleta referiu ter sentido algumas dificuldades em adaptar-se a uma quebra salarial significativa, embora tivesse planeado o aspeto financeiro atempadamente.

"A minha maior dificuldade foi a parte monetária, isto porque nos habituamos a um nível de vida que depois é complicado deixar e adaptar. Já sabia que ia acontecer, mas ainda assim foi complicado." (J3)

4.4.3 *Apoio*

Numa fase de importância máxima a nível de decisões pessoais e profissionais, procurou-se perceber como os antigos jogadores procuraram conforto e auxílio. No que diz respeito às fontes de apoio, os depoimentos foram codificados em três subcategorias como se resume na Tabela abaixo:

Categoria	**Subcategoria I**	**Subcategoria II**	**Fonte**	**Referências**
Fim da carreira	Apoio	Família	6	6
		Amigos	3	3
		Sozinho	1	1

Tabela 12 - Fontes de Apoio

Facilmente se percebe que, com exceção de um atleta, todos eles se refugiaram na família mais próxima para enfrentar esta fase de transição, tal como se percebe através dos relatos dos próprios.

"Mãe, Pai, esposa e filhos. Ter mais tempo para eles também foi muito importante." (J1)

"Foi essencialmente a família o meu maior suporte." (J2)

Três dos entrevistados referiram também que um dos maiores suportes nesta fase foi o seu núcleo de amigos.

"Soube escolher os meus amigos que se mantiveram sempre do meu lado." (J3)

"Continuo a ter ligação com alguns amigos dos tempos de futebol. É muito importante para mim mantê-los porque me ajudaram bastante." (J4)

Apenas um atleta diz não ter recorrido a nenhum apoio em particular e ter ultrapassado todas as dificuldades sozinho.

"A minha perseverança e persistência foram as minhas maiores ajudas. Sempre fui muito independente." (J7)

4.4.4 *Atividade atual*

Todos os entrevistados foram questionados sobre o tipo de atividade que exercem. Os resultados resumem-se na Tabela seguinte.

Categoria	Subcategoria I	Subcategoria II	Fonte	Referências
Fim da carreira	Atividade atual	Empresário desportivo	2	2
		Empresário industrial	2	2
		Diretor desportivo	1	1
		Fisioterapeuta desportivo	1	1
		Treinador de Futebol	1	1

Tabela 13 - Atividade atual

Dos 7 atletas que participaram neste estudo, apenas dois não se mantiveram ligados ao desporto profissional a tempo inteiro. Estes dois atletas preferiram deixar o futebol dedicando-se à área da indústria.

"Juntei-me com um amigo e abrimos um negócio de confeção têxtil." (J1, empresário industrial)

"Surgiu a oportunidade da metalomecânica, tirei algumas formações na área, e estou a adorar o que faço" (J7, empresário industrial).

Outros dois atletas enquadraram-se nas empresas de agenciamento desportivo dos respetivos empresários.

"Atualmente sou agente de jogadores na empresa do meu antigo empresário. Fazemos observação, recrutamento e negociação com jovens atletas." (J2, agente desportivo)

"Trabalho na empresa de agenciamento do meu antigo empresário. Quando deixei de jogar, o P. convidou-me para participar neste projeto aqui na zona de Lisboa." (J4, agente desportivo).

Os restantes atletas exercem funções distintas embora relacionadas com o desporto. Um deles é fisioterapeuta de uma equipa de futsal da primeira divisão, outro é diretor desportivo de uma equipa do segundo escalão principal português e o último é treinador de futebol.

4.4.5 *Relações sociais*

Por último, questionou-se a evolução das relações sociais dos jogadores, com o fim da carreira desportiva, tendo sido identificadas duas subcategorias, expostas na Tabela seguinte:

Categoria	Subcategoria I	Subcategoria II	Fonte	Referências
Fim da carreira	Relações sociais	Manteve amigos e família	5	5
		Afastou-se de amigos	2	2

Tabela 14 –Relações sociais

Os dados revelam que a maior parte dos ex-jogadores conseguiu manter a sua vida familiar e as suas relações de amizade estabilizadas. Apesar de, tal como os próprios referem, ao longo do tempo certos contactos e amizades se perderem, o essencial manteve-se e fortaleceu-se.

"Mantive o relacionamento que já tinha antes de ser profissional de futebol. Entretanto fui pai, e relativamente aos amigos, consegui sempre manter aqueles que eram cruciais na minha vida" (J1)

"A nível familiar e de amigos mantive tudo igual. A maioria dos meus amigos já o era antes de ser futebolista." (J2)

"A nível familiar tudo se manteve igual. As amizades perduraram as que tinham de perdurar." (J5)

Por outro lado, uma parcela mais pequena destes atletas refere não ter mantido qualquer contacto com as amizades construídas durante a sua carreira desportiva.

" (...) Não mantive grandes relações. Desliguei-me completamente do futebol." (J3)

"Não mantive grandes amizades no futebol, preferi desligar-me"

Por um lado, podemos concluir que os atletas mais desgastados psicologicamente foram os que preferiram afastar-se mais do mundo do futebol. Procurou-se estabelecer uma relação entre as motivações para terminar a carreira desportiva e a atividade que exercem atualmente. Neste tópico, apesar de a amostra não possuir uma dimensão representativa nem expressão que permita alargar esta conclusão a um universo mais

alargado, é importante realçar que ambos os atletas que se desligaram por completo do futebol e do desporto profissional são dois dos três atletas que mencionaram ter abandonado a atividade desportiva devido a desgaste psicológico. Adicionalmente, ambos os atletas referem, nos seus testemunhos, ter presenciado algumas injustiças, quer a nível pessoal quer com colegas de equipa e profissão, algo que os desmoralizou e retirou alguma da paixão mantida durante tantos anos pela profissão que exerciam.

Por outro lado, não conseguimos vislumbrar uma relação causa-efeito entre o regresso à formação académica e o afastamento do desporto e do futebol devido à grande disparidade nos resultados apurados,

5. Discussão dos resultados, limitações e contribuições

O objetivo principal deste estudo é o de caraterizar o percurso profissional e pessoal de vários antigos futebolistas profissionais portugueses, analisando as diversas etapas que levaram cada atleta até à fase de retirada final. São objetivos específicos deste estudo: (1) Conhecer os principais fatores que levaram a optar por uma carreira futebolística; (2) Descrever o percurso futebolístico e académico de cada atleta; (3) Descrever o processo de retirada do panorama do futebol profissional, para identificar as principais razões, dificuldades observadas e fontes de apoio após o fim da atividade desportiva.

Este capítulo discute os resultados descritos anteriormente à luz da revisão da literatura estando essa discussão sistematizada por objetivo de investigação.

5.1. Fatores para optar por uma carreira futebolística

As razões que levaram os jovens da geração dos atletas entrevistados neste estudo a tornarem-se profissionais de futebol são homogéneas. A maioria afirmou não ter sido uma decisão planeada até à fase em que assinaram o seu primeiro contrato como profissionais. Deste grupo de atletas, alguns referem ainda que esta decisão surge pela "incapacidade" em obter sucesso escolar naquele momento, pelo que a opção pelo futebol acabou por ser a melhor escolha disponível. No seu conjunto, os resultados apurados sugerem que a carreira futebolística destes atletas foi bastante influenciada por terceiros, nomeadamente a família e os agentes desportivos que desde muito cedo abordam os atletas. De facto, a literatura sobre o tema revela que a família é, desde sempre, um fator influenciador da carreira desportiva. Vários autores (e.g. Snyder e Spreitzer, 1974) apuraram que, muitos atletas, nomeadamente adultos, revelam que a sua forma de estar do desporto é reflexo daquilo que são os comportamentos do seu núcleo familiar. Relativamente ao impacto dos agentes desportivos na vida dos atletas, há quem defenda que, apesar de existirem alguns exemplos de atletas mal sucedidos na relação com os seus agentes, os jogadores talentosos precisam de um agente. (Oyoung, 2012). Em atletas que mantêm contacto frequente com os seus agentes existe também a evidência empírica que existe uma maior relação afetiva entre ambos, o que poderá aumentar a influência pessoal e profissional do agente sobre o atleta (Fijalkowski *et al*, 2015).

Os percursos de carreira tomados por cada um destes atletas mostram-nos que, apesar do desporto profissional ser uma área algo distinta de todas as outras no que diz respeito aos caminhos percorridos, também neste ramo os atletas procuram perceber as suas capacidades e caraterísticas pessoais de forma a calcular o mais exatamente possível que ganhos poderão advir das suas escolhas (Bennett *et al.*, 1992). Esta conclusão ficou bem patente na declaração feita por um dos atletas, ao afirmar que, após ter trabalhado com os pais e experienciando as dificuldades que daí vinham, resolveu investir de forma mais profissional numa carreira desportiva.

Apenas dois dos atletas entrevistados revelaram que a opção por uma carreira desportiva ao mais alto nível era já um sonho de infância cujo desenrolar foi uma sequência de etapas normais e planeadas desde tenra idade. Este resultado sugere a transformação do futebol num negócio, no qual a paixão e o interesse pela modalidade nem sempre são os principais fatores para optar por uma carreira desportiva. A paixão por este desporto parece, sem dúvida, continuar a existir em grande parte do mundo, mas, devido à incapacidade de absorver todos os atletas no patamar profissional, de todos os jovens que iniciam o seu percurso no futebol de formação, só uma reduzida percentagem chega a sénior.

5.2. Percursos futebolísticos e académicos

Quanto ao processo de tomada de decisão, este parece ser contínuo durante a carreira de um atleta de alta competição. Como se observou, durante os vários anos em que representa esta atividade, o jogador planeia, de forma mais ou menos consciente, o seu percurso e o futuro. A ideia central do processo de tomada de decisão é que o mesmo é largamente influenciado por outros e pelas forças que nos rodeiam (Hodkinson, 2008). Também os atletas entrevistados foram amplamente influenciados por duas forças centrais: a família e os respetivos representantes desportivos (vulgarmente conhecidos como empresários). No processo de tomada de decisão durante a carreira, importa destacar dois aspetos:

1. Em primeiro lugar, a decisão de todos os atletas que participaram estudo em ir, pelo menos durante uma temporada, jogar para o estrangeiro. Este facto ganha principal relevo se destacarmos que, dos 7 atletas, 6 referiram que uma das

principais motivações foi o dinheiro, algo que revela também um cuidado particular em amealhar alguma saúde financeira para o futuro.

2. Em segundo lugar, o destaque vai para a incapacidade que todos os atletas tiveram em dar continuidade aos estudos durante a sua carreira desportiva, apesar de alguns deles terem tentado. A desistência da vida académica durante a carreira desportiva foi justificada pelos atletas pela falta de tempo para conciliar as duas atividades e pela falta de vontade de dar seguimentos aos estudos.

5.3. Processo de retirada do futebol profissional

O abandono da carreira desportiva pode estar relacionado com uma multidisciplinaridade de causas. Cada atleta poderá apresentar uma ou mais razões para dar como terminada a sua carreira desportiva, contudo, neste estudo, a maioria dos atletas apresentou apenas uma.

Já anteriormente, Taylor e Ogilvie (citado por Wylleman *et al.*, 1999) desenvolveram um modelo explicativo das transições de carreira no qual revelaram que as principais causas apresentadas pelos atletas para decidirem, em determinado momento, terminar a sua carreira são psicológicos, fisiológicos e sociais. A nível fisiológico, o avançar da idade leva a quebras de capacidade de performance para disputar a sua atividade física ao mais alto nível, o que foi mencionado em primeiro lugar por um dos jogadores e, por todos os outros que referiram o papel negativo das lesões. Taylor e Ogilvie referem também que a idade poderá afetar a vontade e a motivação para os atletas continuarem a disputar jogos e a treinar, podendo também ser um fator de desmoralização pessoal para aqueles que se sentem desvalorizados pelos média e/ou pelos fãs. Neste estudo, o desgaste psicológico foi mesmo a razão mais mencionada.

Por fim, apenas um atleta referiu que terminou a carreira por opção. O modelo supramencionado que aborda as causas do término da carreira refere que a livre e espontânea vontade de terminar a carreira poderá ter como influência motivações pessoais, profissionais ou desportivas e resultar de uma troca de valores ou experiências vividas pelo atleta. Tal como se evidencia neste estudo, a carreira de um atleta de futebol tem uma duração relativamente curta, e, portanto, nesta fase, o antigo jogador terá de tomar opções profissionais relacionadas ou não com o desporto. Apesar de para alguns autores, o processo de retirada ser algo considerado como stressante ou negativo (Lerch,

1984; Rosenberg, 1984), existem outros autores (e.g. Coakley, 1983) que defendem que o fim da carreira desportiva pode também oferecer novas oportunidades e potenciar o desenvolvimento dos atletas. Também Sinclair e Orlick (1993), aferiram num estudo que, duma amostra de cento e noventa e nove atletas retirados da alta competição, sessenta e três por cento deles, classificou os primeiros tempos após a retirada como algo de positivo.

Alguns estudos sugerem que os atletas tendem a ajustar-se melhor ao momento da retirada da carreira desportiva quando o fazem de forma voluntária, quando planeiam o seu futuro e quando se sentem confortáveis e integrados socialmente. (Crook e Robertson, 1991; Sinclar e Orlick, 1993).

Quanto ao percurso académico, os resultados deste estudo revelam dois aspetos interessantes. Se por um lado todos os atletas quebraram, durante a sua carreira desportiva, o seu vínculo com as instituições de ensino, por outro lado, mais de metade regressou à escola para terminar algum tipo de formação académica. A experiência profissional e as capacidades pessoais adquiridas com o futebol foram transferidas para o contexto académico na fase pós desportiva (Mayocchi e Hanrahan, 2000). Algumas dessas características, apuradas por Hale (1993), são a capacidade de adaptação, perseverança e a auto motivação, tal como foi referido por vários atletas.

O segundo aspeto relevante evidenciado neste estudo, sobre o percurso profissional dos ex-atletas, prende-se com o facto de uma grande parcela dos entrevistados se terem mantido ligados ao desporto e ao futebol. Stambulova (1997), num estudo sobre antigos atletas profissionais Russos, verificou que 82% mantiveram-se ligados ao desporto após o término da sua carreira desportiva.

Sobre as dificuldades associadas à transição, ainda que o sociologista Marvin Sussman (1972) tenha afirmado que o processo de abandono da carreira desportiva não seja problemático, uma vez que os atletas estão totalmente conscientes da sua brevidade podendo qualquer atleta ter um futuro garantido ligado ao desporto, estes argumentos baseiam-se em evidências parcelares e imprecisas que não descrevem de forma correta o processo de retirada dos profissionais do desporto (Coakley, 1983). A maioria dos problemas que os atletas vivenciam estão relacionados com a perda de identidade, a perda de autoestima e o sentimento de não ter completado tudo a que se tinham proposto (Botterill, 1981), o que é em parte evidenciado também neste estudo. Com exceção de um

dos jogadores, todos os restantes referiram que a principal dificuldade que viveram foi a adaptação a uma nova rotina, com os aspetos identitários que esta envolve.

Em síntese, a perceção do fim da carreira nos atletas portugueses que constituem este estudo, corrobora aquilo que é referido por outras investigações previamente realizadas a nível internacional. As dificuldades referidas pelos atletas portugueses são muito semelhantes aquelas que outros atletas de várias modalidades referem ter sentido do momento da sua retirada. Para além disso, a opção por continuar ligado ao desporto e ao futebol, enquadra-se também naquela que é a opção mais comumente registada em antigos atletas profissionais.

5.4. Limitações deste estudo

Não menos importante do que aquilo que foi supramencionado é também abordar as limitações do presente estudo, identificando também novas formas de abordar este tema. Por se tratar de um estudo exploratório, realizado com uma amostra muito reduzida e escolhida de forma não aleatória, esta não assegura a representatividade dos resultados. (Mattar, 2001). Apesar da aproximação a outros estudos, acreditamos que este estudo possui especificidades que podem e devem ser melhor exploradas, como por exemplo o facto de nenhum destes atletas ter atingido um patamar de excelência no futebol mundial. Com outros jogadores, os resultados apresentados poderão ser bastante distintos, o que constitui uma limitação a ultrapassar em investigação futura.

Para além disso, a pequena dimensão da amostra restringiu a análise a outras dimensões de interesse como por exemplo, a possibilidade de verificar o impacto das diferenças de grau académico na capacidade de adaptação à nova etapa, e a influência das razões que levam a terminar a carreira na facilidade ou dificuldade em lidar com a mudança de profissão.

No que diz respeito ao método de análise utilizado, apesar de as entrevistas semiestruturadas poderem ser uma fonte valiosa das representações de diversos grupos (Minayo, 1994), estas podem também distorcer alguns dos dados obtidos uma vez que se tratam de relações humanas nas quais não podem desconsiderar-se os fenómenos psicológicos existentes em todas as relações (Nogueira-Martins, 2004). Apesar do contacto direto, e pessoal com alguns dos jogadores, não é, de todo, expectável que, num

primeiro contacto de curta duração, com alguém totalmente desconhecido, seja possível captar e interpretar corretamente todas as sensações vividas pelo atleta, bem como os seus problemas pessoais. Para além disso, uma vez que algumas das entrevistas foram realizadas com recurso a uma ferramenta tecnológica, o contacto, nestes casos, tornou-se ainda menor, bem como a possibilidade de criar uma relação de confiança na qual o atleta pudesse exprimir-se com total abertura.

5.5. Contribuições teóricas e práticas

Apesar das suas limitações, este estudo surge como sendo uma tentativa de contributo para todos aqueles que estão, de forma direta ou indireta, estão envolvidos com os processos de transição de carreira dos profissionais de futebol portugueses, mas também como um alerta para possíveis dificuldades ou situações menos positivas que podem surgir na fase final da carreira. Os resultados têm por isso implicações teóricas, para a gestão de recursos humanos (em geral) e para a gestão de carreira, em particular. E tem implicações práticas, para as instituições do futebol, agentes e atletas.

Do ponto de vista teórico, a preocupação existente para a gestão de recursos humanos desportiva nos últimos anos ganha preponderância no sentido em que as dificuldades sentidas por vários atletas podem ser atenuadas pelos vários planos de apoio a atletas existentes em todo o mundo. Apesar de não ser ainda um tema muito explorado no panorama internacional, têm-se sucedido alguns trabalhos acerca das estratégias de aconselhamento e auxílio para os atletas que se encontram em transição para o final da sua carreira desportiva. O crescimento da popularidade e do mediatismo do desporto de alta competição leva a que também cresça o interesse no planeamento da carreira, mais concretamente, em programas de preparação para o abandono da carreira desportiva de atletas de alta competição. (Wylleman *et al*, 1999)

Os resultados deste estudo sugerem que os departamentos de Recursos Humanos dos clubes, nomeadamente aqueles que são mais profissionalizados como são os da Primeira Liga, devem estar atentos ao fenómeno do abandono da carreira de alta competição. As dificuldades apresentadas pelos atletas que compõe este estudo são passiveis de serem escrutinadas e atempadamente detetadas, diagnóstico esse que evitará consequências mais graves no futuro.

Do ponto de vista prático, os resultados deste estudo permitem formular recomendações às instituições desportivas e aos atletas. A aposta numa formação académica/profissional numa área de interesse dos atletas poderá ser crucial para uma melhor adaptação à vida depois da carreira desportiva. Vários atletas foram capazes de identificar que um maior investimento nesta área poderia ter sido uma mais-valia nesta nova etapa.

A preparação financeira que todos os atletas entrevistados tiveram torna-se essencial para uma boa adaptabilidade, algo que nem sempre acontece. Todos os atletas entrevistados tiveram algum cuidado neste aspeto, existindo apenas uma pequena referência neste estudo a dificuldades económicas vividas após o fim da carreira desportiva, devido à grande quebra salarial registada. Contudo, são inúmeros os casos conhecidos a nível nacional e internacional de vários atletas que, após terminarem a carreira desportiva, demonstraram incapacidade de se gerir a nível económico-financeiro.

Relativamente à principal dificuldade mencionada, de adaptação a uma nova rotina, aquilo que é possível sugerir vai de encontro com a opinião do único atleta que não considerou este facto como uma dificuldade do período de transição para o fim da carreira: *"Quem sente falta da rotina é porque não tem com o que se entreter."* (J6). De facto, o interesse por outras áreas ou a existência de *hobbies* podem facilitar o processo de transição, abstraindo os atletas do sentimento de perda de algo que para si era importante. Adicionalmente, é também viável que, os atletas, ao enfrentarem uma má adaptação a uma nova rotina, procurem apoio psicológico profissional, algo que pode e deve ser encarado de forma natural.

Parece-nos também relevante salientar que a decisão de abandonar o desporto de alta competição deverá ser planeada com alguma antecedência, preferencialmente desde o inicio da sua carreira, nos diversos aspetos: profissionais, financeiros, pessoais. O jogador deverá estar consciente das suas limitações físicas, e, ao verificar que as suas características fisiológicas começam a degradar-se, deverá colocar um fim à sua carreira.

Por fim, é também importante refletir sobre os deveres que, aqueles que rodeiam o atleta, têm. As direções dos clubes, bem como os vários treinadores que um atleta tem ao longo da sua carreira desportiva podem representar uma parte importante da construção da sua personalidade e ajudar nesta fase crucial, auxiliando os jogadores a interpretar o processo de retirada com algo natural e simples. Também o(s) seu(s) agente(s)

desportivo(s) podem ser uma fonte de bem-estar e tranquilidade, quer ao longo de todo o percurso como profissional, bem como no momento do término. Alguns dos atletas deste estudo, são também eles, agentes desportivos neste momento, muito pela influência e ajuda dos seus agentes desportivos.

Parte da responsabilidade no processo transitório para o fim de carreira dos atletas deverá estar assente nas estruturas organizativas e responsáveis pelas competições desportivas nacionais. Nomeadamente a Federação Portuguesa de Futebol, a Liga Portuguesa de Futebol e o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol devem ter um papel ativo nesta matéria, organizando equipas de trabalho que possam acompanhar diretamente os atletas que se aproximam do final da sua carreira.

6. Conclusão

Num momento delicado como aquele que vivemos no que respeita ao contexto europeu e no qual se reestruturam as organizações após um período de crise global, a análise do percurso profissional e académico feito pelos futebolistas após terminarem a sua carreira desportiva torna-se relevante para todos aqueles que visam perceber os comportamentos e atitudes levados a cabo pelos atletas quer antes, quer durante, quer após o fim da sua carreira profissional.

A realização desta dissertação permitiu alcançar diversas conclusões relevantes, não só para o futebol português como para toda a sua envolvente. O estudo realizado fornece-nos a versão pessoal de antigos atletas profissionais de futebol portugueses acerca das etapas que viveram ao longo da sua carreira, até ao seu fim. Foram abordados múltiplos aspetos da sua vida pessoal e profissional, como por exemplo o inicio da carreira, o percurso académico e as dificuldades e soluções encontradas no momento dar como terminada a sua carreira, percorrendo todas as fases da vida do atleta enquanto futebolista de alta competição. Ao recolher os testemunhos dos antigos jogadores ficaram expostas áreas nas quais as opiniões coincidem quase plenamente, bem como aquelas que apresentam maior diversidade de respostas. Se por um lado ficou demonstrado que a maioria dos ex-jogadores permaneceram ligados ao desporto de alta competição após terminarem a sua carreira, que todos abandonaram o seu percurso académico enquanto eram profissionais de futebol, e que a grande maioria destes atletas optou por ir jogar para o estrangeiro principalmente pelo aspeto financeiro, por outro, constatamos também, que as razões apresentadas para terminar a carreira em determinado momento, bem como a decisão de regressar a uma instituição de ensino após terminar a carreira desportiva, não apresentam homogeneidade. A análise demonstrou também que a capacidade de adaptação ao término da carreira, e a habituação a um novo estilo de vida, estão diretamente relacionados com as estratégias que o atleta adota para ultrapassar as dificuldades vivenciadas.

Uma das maiores implicações que este estudo pretende trazer para a sociedade que compõe o desporto nacional é elucidar os atletas e as instituições próximas destes para um trajeto de curta duração, mas vivido intensamente, numa área em constante mudança, profissionalização e atualização. Assim sendo, a gestão das carreiras desportivas exige uma particular atenção por parte de todos os agentes desportivos, no sentido de

estabelecer estratégias que permitam facilitar os processos de transição de carreira. Por tudo isto, reforçamos o apelo à prevenção e à atuação antecipada junto dos atletas, criando condições académicas, profissionais e psicológicas para que os mesmos possam ter um processo transitório sem consequências graves para o resto da sua vida.

Bibliografia

Alfermann, D. e Stambulova, N. (2007). *Career Transitions and Career Termination*. In: G. Tenenbaum e R. C. Eklund, *Handbook of Sport Psychology*. New York, Wiley.

Atchley, R. C. (1991). *Social Forces and Aging: An Introduction to Social Gerontology***,** Wadsworth Publishing Company.

Atchley. R.C. (1989). *A Continuity Theory of Normal Aging*, The Gerontologist, Vol. 29, Issue 2, 1 April 1989, pp. 183–190.

Balyi, I. (2005). *The Role of Monitoring Growth in Long-Term Athlete Development*, Canadian Sport For Life.

Bardin, L (2013). *Análise de Conteúdo*, Reimpressão da Edição Revista e Atualizada de 2009, edições 70.

Barros, K.S. (2008). *Recortes Da Transição Na Carreira Esportiva.* Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, Vol. .2, Nº1, pp. 1-27.

Barry, M.., Skinner, J., e Engelberg, T. (2016). *Research Handbook of Employment Relations In Sport*, Edward Elgar Publishing, USA.

Bendassolli, P.F. (2009). *Recomposição da Relação Sujeito-Trabalho Nos Modelos Emergentes De Carreira*. RAE - Revista de Administração de Empresas, 2009, Vol. 49, Issue 4, Nº.4, pp. 387-400.

Bittencourt, M. (2010). *Jogando no campo do inimigo: futebol e política em Angola* In Melo, V.A. e Bittencourt, M. *"Mais do que um jogo: o esporte no continente africano."* Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. pp. 101-132.

Blau, P. (1964*). Exchange and Power in Social Life*. 13ª Ed. New York: Transaction Publishers

Blinde, E.M., e Greendorfer, S.L. (1985). A reconceptualization of the process of leaving the role of competitive athlete. International Review for Sociology of Sport, Vol. 20, Issue 1-2, pp. 87-93.

Bogdan, R. e Biklen, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Bosman, J.M. (2015). *I think I did something good – I gave players rights* – Entrevista ao jornal The Guardian - https://www.theguardian.com/football/2015/dec/12/jean-marc-bosman-players-rights-20-years - Acedido em em 15 Dezembro 2016

Brandão, M.R.F., Akell, M.C., Andrade, S.A., Guiselini, M.A.N, Martini, L.A e Nastás, M.A (2000), *Causas e consequências da transição de carreira desportiva*: uma revisão de literatura, in *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, Vol. 8, pp. 48-58

Chanlat, J.F. (1995). *Quais carreiras e para que sociedade?* Revista de Administração de Empresa, São Paulo, Vol. 35, nº6, p.68

Clausula 25 da fundamentação jurídica do acórdão de 15 de Dezembro de 1995. - Union royale belge des sociétés de football association ASBL contra Jean-Marc Bosman, Royal. - Processo C-415/93.

Coakley, J. (1983). *"Leaving competitive sport: Retirement or rebirth?"* in Journal *Quest*, Vol. *35*, Issue 1, pp 1-11.

Coelho, J., e Pinheiro, F. (2004). *Futebol de Muitas Cores e Sabores: História do Futebol em Portugal (1888-2004)*. Porto: Campo das Letras, pp 33-53.

Comissão Europeia (2008). *Livro Branco sobre o Desporto.* Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.

Constantino, J.M (2015). *A Organização do Desporto em Portugal*" apresentação realizada no âmbito de uma jornada dedicada à diplomacia desportiva internacional. Barcelona.

Deluga, R.J. (1994). *Supervisor trust building, leader-member exchange and organizational citizenship behavior*. In Journal of Occupational and Organizational Psychology, Nº67, pp. 315-326.

Drumond, M. (2012). *Ao bem do desporto e ao bem da nação: relações entre desporto e política no Estado Novo (1933-1945)*, Rio de Janeiro, mimeo.

Dutra, J.S. (1996). *Administração de Carreiras*. São Paulo, Atlas.

E.Cumming e W.Henry (1961). *Growing Old: The Process of Disengagement*. Basic Books, New York.

Edwards.J. e Meier, K. (1984). *Social Breakdown/Reconstruction and Athletic Retirement*, Paper presented at the Annual Metting of the Olympic Scientific Congress, Eugene, OR, USA.

FIFA (2014). *As leis do jogo 2014/2015*, traduzido por Vitor Pereira e António Silva.

Fijalkowski, I., e Green, M. (2015). *The relationship between sports agents and young professional football players and its potential impact on the player's career*, Hartpury Student Research Journal, Issue 1.

Fortin, M.F. (1999). *O Processo de Investigação: Da Conceção à Realização*. Loures, Lusociência. Edição em Português

Giglio S.S. (2013). *COI x FIFA: A História Politica Do Futebol Nos Jogos Olímpicos*, Tese apresentada à Escola de Educação Física e Exporte da Universidade de São Paulo.

Glanville, B. (2010). *The Story of the World Cup: The Essential Companion to South Africa 2010*. London: Faber and Faber, Limited.

Glaser, B. e Strauss, A. (1965). *Awareness of Dying*. Chicago: Aldine Publishing Company.

Glaser, G. e Strauss A. (1967) The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter;

Godoy, A. S. (1995). *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*, In Rev. adm. empresas. Vol. 35 no.3 São Paulo Maio/Junho 1995

Gomes, R e Domingues, M. (2016). *Transição dos Atletas na Carreira Desportiva: Da Teoria à Avaliação*, 2016, Vol. 12, n. 1, pp. 159-173, Edições Desafio Singular.

Gordon, S. (1995). *Career transitions in competitive sport*. In T. Morris & J. Summers (Eds.), Sport psychology: Theory, applications and issues (pp. 474–501). Brisbane: Jacaranda Wiley.

Gordon, S., Grove, J. R., e Lavallee, D. (1997). *Coping with retirement from sport: The influence of athletic identity*. Journal of Applied Sport Psychology, Nº9, pp. 191-203.

Greendorfer, S. (1992). Sport socialization. In T.S. Horn (Ed.), *Advances in sport psychology* (pp. 201–218). Champaign, IL: Human Kinetics.

Greenhaus, J. (1987). *Career management*, Chicago: Dryden.

Haguette, T. M. F. (1997). *Metodologias qualitativas na Sociologia***.** 5.ed. edição. Petrópolis: Vozes.

Hall, D. T. (1996). *The career is dead, long live the career: A relational approach to careers*, San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Havighurst, R. J. (1961). *Successful aging. - The Gerontologist*, Vol 1, pp 8-13.

Hodkinson, P. (2008). *Understanding career decision-making and progression: Careership revisited*, John Killeen Memorial Lecture Woburn House, London.

Hoyt, K. B. (1991), *The concept of work: Bedrock for career development*, Future Choices 2, pp. 23-30

Ikwunze, E. (2011). *Olympic Football Tournaments (1908-2008): A Statistical Summary*, Xlibris, USA.

Jornal Oficial da União Europeia - Versão Consolidada Do Tratado Sobre O Funcionamento Da União Europeia, 2016

Kanter, R. M. (1989). *When giants learn to dance*. London: Simon e Schuster

Kübler-Ross, E. (1969). *On death and dying*; New York: The Macmillan Company.

Kumar, R.M (2014). *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*, Tese Doutoramento em Sociologia, especialidade em teorias e métodos de sociologia.

Kuypers, J. A. e V. L. Bengtson (1973). *Social Breakdown and Competence: A Model of Normal Aging*. Human Development Nº16, 181-201.

Lavallee D, Wylleman P e Sinclair DA (1998) *An annotated bibliography on career transitions in sport: II*. Empirical references, Australian Journal of Career Development, 7 (3), pp. 32-44

Lavallee, D. (2000) *Theoretical Perspectives on Career Transitions in Sport* in: Lavallee D, Wylleman P (ed.). Career transitions in sport: International perspectives, Morgantown, WV (USA): Fintess Information Technology.

Lavallee, D., Kremer J., Moran, A., e Williams, M. (2012). *Sport Psychology: Contemporary Themes*. 2nd edition, London, Palgrave.

Lerch I.A (1981). *Perceptions of Risk*. American Association of Physicists in Medicine.

Lerch, S.H. (1984). *Athletic retirement as social death: An overview*. In N. Theberge e P. Donnelly (Eds.), *Sports and sociological imagination* (pp. 259-272). Fort Worth: Texas Christian University Press.

Longino, C.F., Kart, C.S (1982). *Explicating activity theory: a formal replication. Journal of Gerontology*, Volume 37, Issue 6, pp. 713–722.

LPFP (2017). Estatutos da Liga Portuguesa de Futebol Profissional – Artigo 6, nº1, alínea a) / Artigo 77, nº3.

Maçãs. V.M.O. (2006). *O Director Desportivo nas Organizações do Futebol em Portugal*. Tese de Doutoramento com vista à obtenção do grau de Doutor em Educação Física e Desporto.

Martin, L. A., Fogarty, G. J., e Albion, M. J. (2014). *Changes in athletic identity and life satisfaction of elite athletes as a function of retirement status.* Journal of Applied Sport Psychology, 26 (1), 96110.

Martins, C. e Brito, A. (1999). *A reforma do atleta no desporto*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desporto, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.

Martins, H. T. (2001). *Gestão de carreiras na era do conhecimento: abordagem conceitual e resultados de pesquisa*. Rio de Janeiro; Qualitymark.

Matimba, A. (2014). *Efeitos do Programa de Estimulação Cognitiva em Idosas Institucionalizadas na unidade do Sagrado Coração com défices cognitivos moderados- CSBJ*. Tese apresentada com vista à obtenção do grau de mestre em Gerontologia Social Aplicada.

Mattar, F. N. (2001). *Pesquisa de marketing, edição compacta*. 3.edição. São Paulo: Atlas.

McPherson, B. D. (1980*). Retirement from professional sport: The process and problems of occupational and psychological adjustment*. Sociological Symposium, 30, pp. 126-143

Minayo, M.C.S. (2001) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 edição. Petrópolis: Vozes.

Monteiro, R. J. V. A. (2017). O jogador de futebol em Portugal. Estudo realizado por Tarantini em parceria com o site desportivo ZeroZero.pt. Press release Nº1, Janeiro de 2017. https://tarantini.pt/category/investigacao/press-release/no1-janeiro-2017/, consultado em 15 Abril 2017

Moraes, R. (1999). *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, Vol. 22, n. 37, pp. 7-32.

Nogueira-Martins, M. C. F. e Bógus, C. M. (2004). *Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde*. Saúde e sociedade, São Paulo, Vol. 13, n. 3, pp. 44-57.

Oprean V. B. e Oprisor T. (2014). *Accounting for soccer players: capitalization paradigm vs. expenditure*, Procedia Economics and Finance, Vol. 15, pp. 1647-1654

Orpen, C. (1994). *The effects of organizational and individual career management on career*. International Journal of Manpower, Vol. 15, Issue 1, pp. 27-37

Oyoung, M. (2012). *Renegotiating the Role of Athlete Agents*. McGeorge Law Review (online)., pp. 528-537, acedido em 22 Maio 2017.

Passos, A. (2000). *Gestão e Desenvolvimento da Carreira Profissional*. In A. Caetano e J. Vala (Org.): *Gestão de Recursos Humanos: contextos, processos e técnicas* (pp.421-441). Lisboa: RH Editor

Pearson, R. E., e Petitpas, A. J. (1990). Transitions of athletes: Developmental and preventive perspectives. *Journal of Counseling and Development*, Vol. 69, pp. 7-11.

Pereira, A. B. (2008). *A construção social do tipo "jogador de futebol profissional"*: Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Pires, G.M.V.S e Sarmento, J.P (2001). *Conceito de Gestão do Desporto. Novos desafios, diferentes soluções.* Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 2001, Vol. 1, nº 1, 88–103

Quadros, F. (2013). *Direito da União Europeia*. Almedina, Manuais Universitários.

Quinnan, E.J. (1997*). Connection and autonomy in the lives of elderly male celibates: Degrees of disengagement*, Journal of Aging Studies, Vol. 11, Issue 2, 115-130

Quivy, R., e Campenhoudt, L.V (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reichardt, C.S. e Cook, T.D. (1979). *Beyond Qualitative Versus Quantitative Methods*, Sage Publications, Inc United States of America

Riverin-Simard, D. (1984). *Etapes de vie au travail*. Québec: Editions Saint-Martin, 1984.

Rosenberg, E. (1981). *Gerontological theory and athletic retirement*. In S. L. Greendorfer e A. Yiannakis (Eds.) *Sociology of sport: Diverse perspectives* (pp. 119-126). West Point, NY: Leisure Press

Salmela, J. H. (1994). *Phases and transitions across sport careers*. In: HACKFORT D. (Ed.). *Psycho-social issues and interventions in elite sports*. Frankfurt: Peter Lang, 1994. p.12-28.

Savioli, N. (1991). *Carreira: manual do proprietário*. Rio de Janeiro: Quality Mark.

Schlossberg, N.K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. The Counseling Psychologist, 2–18.

Serrado, R. e Serra, P. (2010). *História do Futebol Português - Uma Análise Social e Cultural*, Volume I - Origens, institucionalização e profissionalização.

Sinclair, D.A. e Orlick, T. (1993). *Positive Transitions From High-Performance Sport*. Vol. 7, Issue 2, 138-150.

Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol – *Quanto Custa Ser Futebolista*? http://sjpf.pt/?pt=ultimas&op=OP_SHOW_DETAIL&id=8249, acedido em 3 Março de 2017

Snyder, E.E., e Spretzer, E. (1974*). Involvement in Sports and Psychological Well-Being*. International Journal of Sport Psychology, 1974, Vol. 5, pp. 28 – 39.

Sousa, M.J., Duarte, T., Sanches, P.G. e Gomes, J. (2006). *Gestão de Recursos Humanos – Métodos e Práticas.* Lisboa: Editora LIDEL

Stambulova, N. (1997). *Transitional Period of Russian Athletes Following Sports Career Termination*. Proceedings do 9º Congresso Mundial de Psicologia do Esporte. Israel.

Stambulova, N. B. (1994). *Developmental Sports Career Investigations in Russia: A Post-Perestroika Analysis*, The Sport Psychologist, Vol. 8, Nº 3, pp. 221-237

Stambulova, N., Alfermann, D., Statler, T., Côte, J. (2009). *ISSP Position Stand: Career Development and Transitions of Athletes*, IJSEP, Vol. 7, 395-412.

Sussman, M. B. (1971). *An analytical model for the sociological study of retirement*. In F. M. Carp (Ed.), Retirement (pp. 29-73). New York: Behavioral Publications

Sussman, M.B. (1972) *An analytic model for the sociological study of retirement*. In

Taylor, M. (2008). *The Association Game: A History of British Football*, Routledge Taylor e Francis Group.

Teixeira, S. (2005). *Gestão das Organizações* (2.ª ed.). Madrid: McGraw Hill.

The Story of FA - http://www.thefa.com/about-football-association/what-we-do/history. Acedido em 19 Novembro 2016

Tomlinson, A. (2014). *FIFA (Fédération Internationale de Football Association) – The Men, the Myths and the Money.* 1st edition, Routledge.

Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vala, J (1986). *Análise de Conteúdo*, In A. Santos Silva e J. Madureira Pinto (Eds.), *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Afrontamento

Veloso, E. F. R e Dutra, J.S. (2010) *Processo de Transição de Carreira*. In: DUTRA, Joel Souza (Org.). *Gestão de carreiras na empresa contemporânea*. São Paulo: Atlas, 2010.

Wasylenki, D. (1978). *Coping with Change in Retirement*, Can. Fam. Physician, Vol. 24, pp. 133-136

Witter, J. S. (1996). *Breve história do futebol brasileiro*. São Paulo, FTD.

Wylleman P, Alfermann D e Lavallee D (2004). *Career transitions in sport: European perspectives*, Psychology of Sport and Exercise, Vol. 5, Issue 1, pp. 7-20